

P.C. CAST + KRISTIN CAST



marçada

UM ROMANCE DA CASA DA NOITE

Tradução: Susana Serrão



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Para a nossa maravilhosa agente, Meredith Bernstein,
que disse as cinco palavras mágicas:
escola de etiqueta para vampiros.
Adoramos-te!*

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer a um excelente aluno meu, John Maslin, pela ajuda na pesquisa e por ler e comentar muitas versões incipientes do livro. O contributo dele foi inestimável.

Um grande OBRIGADA para as minhas aulas de Escrita Criativa no ano lectivo de 2005-2006. As vossas ideias foram uma grande ajuda (e diversão).

Queria agradecer ainda à minha fabulosa filha, Kristin, por garantir que a linguagem do texto fala aos adolescentes. Não o poderia ter feito sem ti (ela obrigou-me a escrever isto).

— PC

*

Queria agradecer à minha querida «mamã», mais conhecida como PC, por ser uma escritora incrivelmente talentosa e por ser tão fácil trabalhar com ela (Okay, obrigou-me a escrever isto).

— Kristin

PC e Kristin gostariam de agradecer ao pai/avô, Dick Cast, pela hipótese biológica que ele ajudou a criar enquanto base para os vampyros da Casa da Noite. Adoramos-te, Papá/Avô!

Do poema de Hesíodo para Nyx, a personificação grega da noite:

*«Também lá está a sombria Casa da Noite;
Lúgubres nuvens como mortalhas de escuridão.
Diante dela encontra-se Atlas, e na cabeça
E braços incansáveis sustenta o firmamento,
Onde a Noite e o Dia passam um limiar de bronze,
Se aproximam e se cumprimentam.»*
(Hesíodo, *Teogonia*, F. 744)



PRIMEIRO CAPÍTULO

Quando já achava que o dia não podia piorar, vi o morto ao pé do meu cacifo. Kayla falava sem parar, ao seu estilo tagarela, e nem sequer reparou nele. A princípio. Aliás, agora que penso nisso, mais ninguém reparou nele até ele falar, o que é, tragicamente, mais uma prova da minha incapacidade aberrante em me integrar.

— Não, mas Zoey, *jure por Deus* que o Heath não ficou *assim tão* bêbado depois do jogo. Não devias ser tão exigente com ele.

— Pois — disse eu, distraída. — Então, não.

Depois tossiquei. Mais uma vez. Sentia-me mesmo mal. Devia estar a chocar alguma, como dizia Mr. Wise, o professor ligeiramente maluco da especialização em Biologia, a Peste dos Adolescentes.

Se morresse, safar-me-ia do exame de Geometria amanhã? A esperança é a última a morrer.

— Zoey, se faz favor. Estás a ouvir-me? Acho que ele só bebeu quatro, não sei bem, talvez seis cervejas, e talvez três *shots*. Mas não é isso que interessa. Ele nem teria bebido nada se os estúpidos dos teus pais não te tivessem obrigado a ir para casa depois do jogo.

Trocámos um olhar de sofrimento, em concordância total

quanto à mais recente injustiça contra mim, por parte da minha mãe e do Traste com quem ela casara há três longos anos. A seguir, quase sem parar para respirar, K voltara à tagarelice.

— Mais, ele estava a festejar. Quer dizer, ganhámos ao Union! — K abanou-me o ombro e aproximou a cara da minha.

— Olá! O teu namorado...

— O meu quase-namorado — corrigi, a tentar não tossir para cima dela.

— Não interessa. Heath é o nosso avançado, é muito natural que quisesse festejar. Há séculos que o Broken Arrow não derrotava o Union.

— Dezasseis anos. — Sou má a Matemática, mas a falta de jeito de K faz-me parecer um génio.

— Mais uma vez, *não interessa*. O que interessa é que ele estava contente. Tens de lhe dar um desconto.

— O que interessa é que estava podre de bêbado pela quinta vez esta semana. Desculpa, mas não quero andar com um tipo cujo objectivo de vida passou de tentar jogar futebol na faculdade a tentar engolir grades de cerveja sem vomitar. Já para não falar que vai ficar um gordo com tanta cerveja. — Tive de parar para tossir. Sentia-me um bocadinho tonta e obriguei-me a respirar fundo quando o ataque de tosse passou. Não que a tagarela tenha reparado.

— Que nojo! O Heath, *gordo!* Mas que imagem!

Tentei ignorar outro impulso para tossir.

— E beijá-lo é como beijar pés ensopados em álcool.

K fez uma careta.

— Okay, um nojo. É uma pena que seja tão giro.

Revirei os olhos, sem tentar esconder o quanto me aborrecia a frivolidade dela.

— Ficas tão rabugenta quando estás doente. Enfim, não fazes ideia do ar de cachorrinho abandonado com que o Heath ficou depois de não lhe ligares nenhuma ao almoço. Nem conseguia...

Depois vi-o. O morto. *Okay*, não tardei a perceber que não estava tecnicamente «morto». Era um morto-vivo. Aquilo a que chamamos inumano. Enfim. Os cientistas dizem uma coisa, o povo diz

marçada

outra, mas o resultado é o mesmo. Não havia engano quanto ao que ele era, e mesmo que eu não tivesse sentido o poder e as trevas que irradiavam dele, não podia deixar de reparar na Marca, a meia-lua azul-safira que ele tinha na testa, e as tatuagens entrelaçadas que lhe cercavam os olhos igualmente azuis. Era um vampyro, e pior. Era um Caça-Cabeças.

Ora bolas! Estava ao pé do meu cacifo.

— Zoey, não estás a ouvir nada do que eu digo!

Depois o vampyro falou e as palavras cerimoniais dele deslizaram pelo espaço entre nós, perigosas e sedutoras, como sangue misturado com chocolate derretido.

— Zoey Montgomery! A noite escolheu-te; a morte será o teu nascimento. A noite chama-te; ouve a sua doce voz. O teu destino espera-te na Casa da Noite!

Ergueu um dedo branco e comprido e apontou para mim. Senti a testa explodir de dor e, em simultâneo, Kayla abriu a boca para gritar.

...

Quando deixei de ver manchas brilhantes, procurei K e vi-lhe a cara branca como cal a olhar para mim.

Como sempre, disse o primeiro disparate que me veio à cabeça.

— K, tens os olhos a saírem das órbitas como um peixe.

— Ele Marcou-te. Oh, Zoey! Tens o traço daquela coisa na testa! — Depois levou uma mão trémula aos lábios muito brancos, mas não conseguiu reprimir um soluço.

Sentei-me e tossi. Tinha uma dor de cabeça terrível, e esfreguei o sítio mesmo entre as sobrancelhas. Ardia-me como se tivesse sido picado por uma vespa e a dor alastrava para os olhos e até às maçãs do rosto. Tinha vontade de vomitar.

— Zoey! — K agora chorava e falava a soluçar.

— Oh, meu Deus. O tipo era um Caça - um vampyro Caça-Cabeças!

— K — Pisquei os olhos com força, a tentar afastar a dor de cabeça. — Pára de choraminger. Sabes como detesto que chores. — Estendi a mão para lhe dar uma palmadinha no ombro.

E ela encolheu-se automaticamente, e afastou-se de mim.

Não podia acreditar. Encolhera-se mesmo, como se tivesse medo de mim. Deve ter visto a minha reacção magoada, pois lançou-se imediatamente numa tagarelice pegada.

— Oh, *Deus*, Zoey! Que vais fazer? Não podes ir àquele sítio. Não podes ser uma daquelas coisas. Isto não pode estar a acontecer! Com quem é que hei-de ir a todos os nossos jogos de futebol?

Reparei que, durante aquele palavreado todo, nem por uma vez se aproximou de mim. Reprimi a sensação de mágoa e enjoo que ameaçava transformar-se em lágrimas. Os olhos secaram-me logo. Era boa a esconder as lágrimas. Pudera, já contava três anos de prática.

— Não faz mal. Eu trato disto. Deve ser só... um engano qualquer — menti.

Não estava a dizer coisa com coisa; eram apenas palavras a saírem-me da boca. Ainda a fazer caretas por causa da dor de cabeça, levantei-me. Olhei em redor e fiquei algo aliviada por eu e K sermos as únicas no corredor de Matemática, e depois tive de abafar aquilo que sabia serem gargalhadas históricas. Se não estivesse completamente passada com o exame de Geometria do dia seguinte, e tivesse corrido para ir buscar o livro ao cacifo, de modo a tentar obsessiva (e inutilmente) estudar naquela noite, o Caça ter-me-ia encontrado à porta da escola, com a maioria dos 1300 miúdos que andava na South Intermediate High School de Broken Arrow, à espera do que a estúpida da *Barbie* da minha irmã gostava de chamar, presunçosamente, «as grandes limusinas amarelas». Tenho carro, mas ficar ao pé dos infelizes que têm de andar de autocarro é uma vetusta tradição, para não falar de uma maneira excelente de ver quem anda a engatar quem. Assim sendo, só havia um miúdo no corredor de Matemática – um totó alto e magro, com maus dentes, a quem eu infelizmente podia ver muito bem, pois estava ali embasbacado, a olhar para mim como se eu acabasse de parir uma ninhada de porcos voadores.

marçada

Tornei a tossir, desta vez uma tosse húmida e mesmo nojenta. O totó soltou um guinchinho e esgueirou-se pelo corredor fora, para a sala de Mrs. Day, com um tabuleiro agarrado ao peito esquelético. O clube de xadrez devia ter mudado o encontro para as segundas-feiras depois das aulas.

Os vampyros jogarão xadrez? Será que há vampyros totós? E vampyros tipo *Barbies* chefes de claque? Será que havia vampyros na banda? Vampyros depressivos, do estilo em que os rapazes usam calças de rapariga e melenas a tapar-lhes um olho? Ou seriam todos góticos que não gostavam de tomar banho? Iria eu passar a ser gótica? Pior, depressiva? Não gostava assim tanto de usar preto, pelo menos não em exclusivo, e não sentia nenhuma aversão súbita e infeliz a água e sabão, nem sequer tinha uma vontade obsessiva de mudar de penteado e usar pintura a mais nos olhos.

Tudo isto me passou pela cabeça enquanto sentia outra onda de histeria a tentar saltar-me da garganta, e quase fiquei grata por ter saído mais um ataque de tosse.

— Zoey? Estás bem? — A voz de Kayla era estridente, como se alguém lhe desse beliscões, e dera mais um passo para longe de mim.

Suspirei e senti o primeiro assomo de raiva. Não tinha mandado vir nada daquilo. Eu e K éramos melhores amigas desde o terceiro ano, e agora ela olhava para mim como se eu fosse um monstro.

— Kayla, sou eu. A mesma de há dois segundos e há duas horas e há dois dias. — Fiz um gesto de frustração para a cabeça que me latejava. — Isto não muda quem sou!

Os olhos de K ficaram marejados de lágrimas outra vez mas, graças aos céus, ouviu-se o toque do telemóvel dela, *Material Girl* da Madonna. Olhou automaticamente para o ecrã. Via-se pelo ar aturdido, tipo coelho à frente dos faróis de um carro, que era o namorado dela, Jared.

— Atende — disse eu em voz cansada e neutra. — Vai para casa com ele.

O ar de alívio dela foi como uma bofetada.

— Ligas-me logo? — Perguntou por cima do ombro, enquanto batia em retirada pela porta lateral.

Vi-a correr pelo relvado oriental até ao parque de estacionamento. Levava o telemóvel colado à orelha, e conversava animadamente com Jared. Tenho a certeza de que já lhe estava a contar da minha transformação em monstro.

O problema, claro, é que transformar-me em monstro era a melhor das hipóteses que eu tinha. Hipótese número 1: transformo-me em vampyra, coisa equivalente a monstro para qualquer pessoa. Hipótese número 2: o meu corpo rejeita a Mudança e morro. Para sempre.

Por conseguinte, a boa notícia é que não teria de fazer o exame de Geometria do dia seguinte.

A má notícia é que teria de me mudar para a Casa da Noite, um colégio interno particular na baixa de Tulsa, conhecido por todos os meus amigos como Escola de Etiqueta para Vampyros, onde passaria os quatro anos seguintes a sofrer estranhas e inomináveis mutações físicas, bem como um abalo total e permanente na minha vida. E isto se o processo não acabasse comigo.

Que bom. Não queria nenhuma das hipóteses. Só queria tentar ser normal, apesar do fardo dos meus pais mega-conservadores, do irmão mais novo que mais parecia um *troll*, e da irmã mais velha tão perfeitinha. Queria passar a Geometria. Queria continuar a ter boas notas para poder entrar na Faculdade de Veterinária da Universidade de Oklahoma e sair de Broken Arrow. Acima de tudo, queria integrar-me – pelo menos na escola. Em casa era escusado, pelo que só me restavam os amigos e a vida fora da família.

Agora até isso me tiravam.

Esfreguei a testa e despenteei-me até o cabelo me tapar os olhos e, com sorte, a marca que aparecera por cima deles. Mantive a cabeça baixa, como se estivesse fascinada com a coisa pegajosa que se formara na minha mala, e corri para a porta, que dava para o parque de estacionamento dos alunos.

Porém, não saí por um triz. Pelos postigos das portas da instituição, vi Heath. As raparigas não o largavam, faziam poses e mexiam no cabelo, enquanto os rapazes carregavam no acelerador de carrinhas ridículas de tão grandes, e tentavam (mas a maioria em vão) ter estilo. Não é evidente que eu escolheria *aquilo* para namorar?

Não, devia ser justa para comigo e lembrar-me de que Heath costumava ser incrivelmente doce, e ainda tinha os seus momentos bons. Especialmente se conseguisse manter-se sóbrio.

Ouviam-se os risinhos estridentes das raparigas. Que bom. Kathy Richter, a maior vadia da escola, fingia bater em Heath. Mesmo àquela distância, ela devia achar que bater-lhe era uma espécie de ritual de acasalamento. Como sempre, o parvo do Heath não reagia, só sorria. Que raio, o dia não ia melhorar para mim. E lá estava o meu carochinha azul de 1966 mesmo no meio deles. Não. Não podia lá ir. Não podia meter-me no meio deles com aquela coisa na testa. Nunca mais poderia fazer parte do grupo. Já sabia muito bem o que fariam. Lembrei-me do último miúdo Escolhido por um Caça na SIHS.

Aconteceu no princípio do ano passado. O Caça chegara antes de começarem as aulas e ficara de olho no miúdo, ia este para a primeira aula. Não vi o Caça, mas vi o miúdo depois, por segundos, depois de ele largar os livros e sair a correr da escola, a nova Marca a brilhar na testa pálida e as lágrimas a correrem-lhe pelas faces demasiado brancas abaixo. Nunca mais esqueci como os corredores estavam apinhados naquela manhã, nem como toda a gente se afastara dele, como se tivesse pestilência, enquanto ele fugia pelas portas da frente da escola. Eu fora uma das alunas que se afastara dele e ficara a olhar, embora sentisse mesmo pena dele. Só não queria que me rotulassem de «única rapariga que é amiga daqueles anormais». Agora é mesmo irónico, não é?

Em vez de ir para o carro, dirigi-me à casa de banho mais próxima, a qual estava, felizmente, vazia. Havia três portas – sim, verifiquei bem se havia gente dentro. Numa parede havia dois lavatórios, com dois espelhos de tamanho médio por cima. A parede em frente tinha um espelho enorme, com um parapeito por baixo para as escovas e a maquilhagem e sei lá que mais. Pus a mala e o livro de Geometria no parapeito, respirei fundo, e num só movimento levantei a cabeça e puxei o cabelo para trás.

Era como ver a cara de uma estranha conhecida. Sabem, aquela cara que se vê na multidão e se jura conhecer, mas na verdade não se conhece? Era eu – a estranha conhecida.

Tinha os mesmos olhos. A mesma cor de avelã que nunca se decidia se queria ser verde ou castanha, mas eu nunca tivera os olhos tão grandes e redondos. Ou tivera? Tinha o mesmo cabelo – comprido e liso e quase tão escuro quanto o de minha avó, antes de ter ficado todo branco. A estranha tinha as mesmas maçãs do rosto que eu, o nariz comprido e forte, e a boca grande – mais feições da minha avó e dos seus antepassados cherokee. Mas eu nunca tivera a cara tão pálida. Sempre fora cor de azeitona, muito mais morena do que qualquer outra pessoa da família. Porém, talvez não fosse que a pele estivesse assim tão branca, de repente... talvez parecesse pálida comparada com o desenho azul-escuro da meia-lua, perfeitamente posicionada no meio da minha testa. Ou talvez fosse da horrenda luz fluorescente. Oxalá fosse da luz.

Fiquei a olhar para a tatuagem exótica. Misturada com as fortes feições cherokee, parecia um ferro que me marcava como selvagem... como se eu fosse de tempos de antanho, quando o mundo era maior... mais bárbaro.

A partir daquele dia a minha vida nunca mais seria a mesma. E por momentos – um instante – esqueci-me do horror de não me integrar e senti um assomo chocante de prazer, enquanto dentro de mim o sangue do povo de minha avó rejubilava.



SEGUNDO CAPÍTULO

Quando achei que já passara tempo suficiente para toda a gente ter saído da escola, puxei o cabelo para trás, saí da casa de banho e corri para as portas que davam para o estacionamento dos alunos. Parecia tudo vazio – havia apenas um miúdo desgarrado, vestido com aquelas calças largas e feias, típicas de aspirante a membro de gangue, a atravessar a outra ponta do parque. Ia completamente concentrado em não deixar que as calças lhe caíssem; nem sequer daria por mim. Rangi os dentes com a dor que me latejava na cabeça e saí porta fora, na direcção do meu Carochinha.

Assim que saí, o Sol começou a fustigar-me. Não estava assim tão bom tempo; havia muitas nuvens grandes e cheias no céu, daquelas que parecem bonitas nas fotografias, a taparem mal o Sol, mas não importava. Tive de semicerrar os olhos penosamente e andar de mão erguida, em jeito de pala, contra aquela luz intermitente. Devia ser por estar tão concentrada na dor que a simples luz do Sol me provocava que só reparei na carrinha quando os pneus chiaram à minha frente.

— Olá, Zo! Recebeste a minha mensagem?

Bolas, bolas, bolas! Era o Heath. Ergui os olhos, olhei para ele por entre os dedos, como se visse um daqueles filmes de terror es-

túpidos. Estava sentado na caixa aberta da carrinha do amigo Dustin. Por cima do ombro dele, via-se para dentro da carrinha, onde o Dustin e o irmão, Drew, se portavam como de costume – brigavam e discutiam, sabe Deus sobre que estupidez típica de rapazes. Felizmente, ignoravam-me. Tornei a olhar para Heath e suspirei. Tinha uma cerveja na mão e um sorriso parvo na cara. Esquecendo-me momentaneamente de que acabara de ser Marcada, e que estava destinada a ser um monstro vampyro e pária, lancei-lhe um olhar furioso.

— Estás a beber na escola! Serás louco?

O sorrisinho de rapazola aumentou.

— Pois sou louco, louco por ti!

Abanei a cabeça e virei costas, abri a porta do meu Carocha, a qual rangia, e meti os livros e a mochila no banco de trás.

— Porque é que não estão nos treinos? — Perguntei, ainda de cara virada para longe dele.

— Não ouviste? Temos folga por causa da abada que demos ao Union na sexta-feira!

Dustin e Drew, que afinal deviam estar a olhar para mim e para o Heath, soltaram uns gritinhos à boa maneira do Oklahoma, «Iupi!» e «Boa!», de dentro da carrinha.

— Ah. Não. Deve ter-me passado ao lado. Estive ocupada. Sabes, exame de Geometria amanhã. — Tentei soar normal e desligada. Depois tosi e acrescentei:

— Além disso, estou a chocar uma constipação.

— Zo, a sério. Estás zangada? A Kayla contou-te alguma treita sobre a festa? Sabes que não te enganei.

Perdão? A Kayla não dissera palavra sobre o Heath me *enganar*. Feita estúpida, esqueci-me (*Okay*, temporariamente) da minha nova Marca. Virei a cabeça para poder olhar para ele.

— Que fizeste, Heath?

— Eu, Zo? Sabes que nunca... — mas o ar inocente e as desculpas esfarrapadas deram lugar a uma expressão boquiaberta e chocada, quando reparou na minha Marca.

— Mas que raio — ia ele dizer, mas interrompi-o.

— Chiu! — Fiz sinal com a cabeça para Dustin e Drew, ain-

marcada

da incautos, que cantavam agora a plenos pulmões, completamente desafinados, ao som do último CD de Toby Keith.

Heath ainda estava de olhos arregalados, chocado, mas falou mais baixo.

— Isso é uma pintura que puseste para as aulas de Teatro?

— Não — sussurrei. — Não é.

— Mas não podes ter sido Marcada. Nós andamos.

— Não andamos coisíssima nenhuma! — E com isto, as meias tréguas da tosse acabaram. Quase me dobrei toda, num ataque fulminante de tosse que mais parecia catarro.

— Eh, lá, Zo! — Disse Dustin de dentro da carrinha.

— Tens de deixar de fumar.

— Pois, parece que ainda vais tossir um pulmão — disse Drew.

— Meu! Deixem-na em paz. Sabem muito bem que ela não fuma. É uma vampyra.

Que bom. Maravilhoso. Heath, com a habitual e rematada falta de bom senso, achou que até me estava a defender quando ralhhou com os amigos, os quais meteram logo as cabeças de fora das janelas e olharam para mim, embasbacados, como se eu fosse uma experiência científica.

— Caraças. A Zoey é uma anormal! — Disse Drew.

As palavras rudes de Drew fizeram com que a raiva, que estivera até então a ferver-me dentro do peito, desde que Kayla se encolhera toda, transbordasse por completo. Sem ligar à dor que o Sol me fazia, fitei Drew sem rodeios.

— Cala-te de uma vez! Tive um dia muito mau e não preciso que me chateies. — Calei-me e olhei para Drew e Dustin, agora calados e atarantados, e acrescentei:

— Nem tu. — Continuei a fitar Dustin e percebi uma coisa – coisa que me chocou mas entusiasmou estranhamente: Dustin estava assustado. Aterrado. Tornei a olhar para Drew. Também estava assustado. Depois senti. Uma sensação de formigueiro na pele que me fazia arder a Marca.

Poder. Senti poder.

— Zo! Mas que raio? — A voz de Heath desviou-me a atenção dos irmãos.

— Vamos bazar! — Disse Dustin, engatando a mudança e carregando no acelerador. A carrinha deu um safanão, Heath desequilibrou-se e deslizou, mais parecendo um moinho com os braços abertos e a cerveja por todo o lado, para o alcatrão do parque de estacionamento.

Corri para ele automaticamente.

— Magoaste-te? — Heath estava de gatas, e inclinei-me para o ajudar a pôr-se de pé.

Depois cheirei-o. Havia qualquer coisa que cheirava maravilhosamente – quente e doce e deliciosa.

Seria um perfume novo nele? Uma daquelas coisas estranhas das feromonas que dizem atrair as mulheres, geneticamente modificadas como aquelas máquinas que atraem mosquitos? Não percebi o quanto estava perto dele até ele se endireitar e ficarmos quase colados. Olhou para mim, de olhar inquiridor.

Não me afastei. Devia ter-me afastado. Ter-me-ia afastado antes... mas naquele momento não. Naquele dia, não.

— Zo? — Perguntou ele suavemente, a voz profunda e rouca.

— Cheiras mesmo bem — não consegui deixar de dizer. Sentia o meu coração bater tão alto que até ouvia o eco nas têmporas a latejarem.

— Zoey, tive mesmo saudades tuas. Temos de voltar a andar. Sabes que gosto mesmo de ti. — Ia tocar-me na cara e ambos reparámos que tinha a palma da mão cheia de sangue.

— Ah, bolas — calou-se quando olhou para mim. Só me resta imaginar a cara que eu tinha, toda branca, a nova Marca a destacar-se em azul-safira, os olhos fixos no sangue da sua mão. Não me conseguia mexer; não conseguia deixar de olhar.

— Quero... — sussurrei. — Quero... — Que queria eu? Não me ocorriam as palavras. Não, não era isso. Não *queria* dizê-lo por palavras. Não queria dizer em voz alta a vontade ardente que tentava dominar-me. E não era por Heath estar tão perto de mim. Já estivera

marçada

assim tão perto. Que raio, andávamos há um ano, mas ele nunca me fizera sentir assim – nunca nada assim. Mordi o lábio e gemi.

A carrinha parou de repente a nosso lado. Drew saltou para fora, agarrou Heath pela cintura, e tentou metê-lo lá dentro.

— Pára com isso! Estou a falar com a Zoey!

Heath tentou debater-se, mas Drew era defesa sénior do Broken Arrow, e realmente enorme. Dustin deu uma mãozinha e bateu com a porta da carrinha.

— Deixa-o em paz, anormal! — Gritou Drew, enquanto Dustin arrancava e, desta vez, foram-se mesmo.

Entrei no Carocha. As mãos tremiam-me tanto que falhei três vezes antes de conseguir dar à chave.

— Vai para casa. Vai para casa. — Disse as palavras uma e outra vez, entre ataques de tosse, enquanto guiava. Não queria pensar no que quase acontecera. Não podia pensar no que quase acontecera.

...

A viagem para casa demorou quinze minutos, mas pareceu apenas um piscar de olhos. Cheguei depressa de mais a casa, ainda sentada no carro a preparar-me para a cena já minha conhecida, tão certa quanto o relâmpago a seguir ao trovão, que me esperava lá dentro.

Porque estivera tão ansiosa por chegar? Tecnicamente, acho que não estava assim tão ansiosa. Acho que só queria fugir ao que se passara no estacionamento, com Heath.

Não! Não ia pensar nisso agora. E, fosse como fosse, devia haver qualquer espécie de explicação racional para tudo, uma explicação racional e simples. Dustin e Drew eram atrasadinhos – miolos de cerveja completamente imaturos. Eu não usara nenhum poder novo e arrepiante para os intimidar. Só se tinham passado ao ver a Marca. Era isso. Quer dizer, as pessoas tinham medo de vampyros.

— Mas não sou vampyra *nenhuma!* — Disse eu. Depois tossi, e lembrei-me da beleza hipnótica que o sangue de Heath tivera para mim, e do impulso de desejo que sentira por *isso*. Não pelo Heath, mas pelo sangue dele.

Não! Não! Não! O sangue não era belo nem desejável. Eu devia estar em estado de choque. Era isso. Tinha de ser isso. Estado de choque e cabeça turva. *Okay, okay...* absorta, levei a mão à testa. Já não ardia, mas ainda tinha uma sensação estranha. Tossi, pela enésima vez. Ótimo. Não pensaria em Heath, mas não o podia continuar a negar. *Sentia-me* estranha. Tinha a pele ultra-sensível. Doía-me o peito, e embora tivesse postos os óculos de sol *Maui Jim*, todos estilos, continuava de lágrima ao canto do olho.

— Estou a morrer... — gemi, e depois calei a boca de imediato. Bem podia estar a morrer. Olhei para a casa de tijoleira que, ao fim de três anos, ainda não parecia o meu lar.

— Despacha lá isso. Despacha lá isso, e mais nada. — Pelo menos a minha irmã ainda não devia estar em casa – treinos de claque. Oxalá o *troll* estivesse completamente hipnotizado pelo jogo novo, *Delta Force: Black Hawk Down* (hum... que nojo). Podia ser que tivesse a minha Mãe só para mim. Talvez ela compreendesse... talvez ela soubesse o que fazer...

Ah, raios me partam! Tinha dezasseis anos, mas de repente percebi que não queria nada a não ser a minha mamã.

— Deus queira que ela compreenda — sussurrei uma simples prece, para o deus ou a deusa que pudesse estar a ouvir-me.

Como sempre, entrei pela garagem. Segui o corredor até ao meu quarto, e larguei o livro de Geometria, a carteira e a mochila em cima da cama. Depois respirei fundo e preparei-me, algo trémula, para procurar a minha mãe.

Estava na sala, enrolada no sofá, a bebericar café e a ler *Chicken Soup for a Woman's Soul*.¹Tinha um ar tão normal, tão típico do antigamente. Só que, antigamente, ela lia romances exóticos e até se pintava. Eram coisas que o novo marido não consentia (uma besta).

— Mãe?

— Hum? — Não olhou para mim.

Engoli em seco. — Mamã. — Tratei-a como dantes, nos tempos antes do casamento dela com John.

— Preciso que me ajudes.

1 - Literatura de auto-ajuda e inspiração feminista. (N. da T.)

marçada

Não sei se foi por lhe ter chamado «Mamã», inesperadamente, se algo na minha voz fez vibrar a pouca intuição maternal que ela ainda tivesse, mas os olhos que levantou imediatamente do livro estavam cheios de preocupação.

— Que se passa, querida — começou ela, e depois as palavras como que lhe gelaram na boca quando reparou na Marca que eu tinha na testa.

— Oh, Deus! Que foi que fizeste agora?

Senti o coração apertado outra vez.

— Mãe, *eu* não fiz nada. Aconteceu-me uma coisa, mas não foi culpa minha. Não tive culpa.

— Oh, santa paciência, não! — Gemeu ela, como se eu não tivesse dito nada.

— O que é que o teu pai vai dizer?

Quis gritar *como raio alguma de nós há-de saber o que vai dizer o meu pai, se não o vemos nem sabemos dele há catorze anos!* Mas sabia que de nada serviria, e ela ficava sempre passada quando eu lhe lembrava que John não era meu pai. Por conseguinte, tentei outra tática – uma de que já desistira há três anos.

— Mamã, por favor. Não podes simplesmente não lhe contar? Pelo menos por um ou dois dias? Fica só entre nós até... não sei... até nos habituarmos, ou coisa assim. — Sustive a respiração.

— Mas que hei-de dizer? Nem sequer podes tapar isso com pinturas. — Torceu os lábios de uma maneira muito estranha quando olhou nervosamente para a meia-lua.

— Mãe, não quis dizer que fico aqui até nos habituarmos. Tenho de me ir embora; sabes disso. — Tive de me calar, pois fui sacudida por outro ataque de tosse. — O Caça marcou-me. Tenho de me mudar para a Casa da Noite, senão vou ficar cada vez mais doente. — *E depois morro*, tentei dizer-lhe com o olhar. Não conseguia dizer as palavras.

— Só quero dois dias até ter de lidar com... — calei-me para não ter de dizer o nome dele, desta vez tossindo de propósito, o que nem custou nada.

— Que hei-de dizer ao teu pai?

Senti medo ao ver o pânico na voz dela. Mas não era ela minha mãe? Não devia saber as respostas em vez de só fazer perguntas?

— Diz-lhe... diz-lhe só que vou passar os próximos dias em casa da Kayla por causa de um trabalho de Biologia.

Vi os olhos da minha mãe alterarem-se. A preocupação desvaneceu-se e deu lugar a uma dureza que eu já conhecia demasiado bem.

— Estás a dizer que tenho de lhe mentir.

— Não, mãe. Estou a dizer que preciso que tu, por uma vez, ponhas as minhas necessidades à frente das dele. Quero que sejas a minha mamã. Que me ajudes a fazer as malas e que vás comigo a esta escola nova, porque estou assustada e maldisposta e não sei se consigo fazer tudo sozinha! — Terminei de rajada, a respirar com dificuldade e a tossir para dentro da mão.

— Não sabia que tinha deixado de ser tua mãe — disse ela, friamente.

Ainda me fazia sentir mais cansada do que Kayla. Suspirei.

— Acho que é esse o problema, Mãe. Não te ralas o suficiente para dares conta. Não te ralas com mais nada além do John desde que casaste com ele.

Semicerrou os olhos.

— Não sei como podes ser tão egoísta. Não te apercebes do muito que ele fez por nós? Graças a ele deixei aquele emprego horrível no Dillard. Graças a ele não temos de nos ralar com dinheiro, e temos esta casa grande e bonita. É graças a ele que temos segurança e um futuro radioso.

Já ouvira estas palavras tantas vezes que as podia ter declamado em unísono com ela. Era nesta altura das nossas desconversas que eu pedia desculpa e ia para o meu quarto. Mas hoje não podia pedir desculpa. Hoje era diferente. Era tudo diferente.

— Não, Mãe. A verdade é que, graças a ele, tu não ligas nenhuma aos teus filhos há três anos. Sabias que a tua filha mais velha transformou-se numa galdéria matreira e mimada que já dormiu com metade da equipa de futebol? Sabes dos jogos de vídeo que o Kevin esconde de ti? Não sabes, claro que não sabes! Os dois *fingem-se*

marcada

felizes e *fingem* gostar do John e de toda a maldita coisa da família a fingir, e por isso sorris para eles, e rezas por eles e deixa-los fazer tudo. E eu? Achas que sou a filha má porque não finjo – sou sincera. Sabes que mais? Estou tão farta da minha vida que até estou contente por ter sido Marcada pelo Caça! Chamam àquela escola de vampyros a Casa da Noite, mas não pode ser mais tenebrosa do que esta casa *perfeita!* — Antes que chorasse ou gritasse, girei nos calcanhares, fui para o meu quarto e bati com a porta.

Oxalá se afoguem todos.

Pelas paredes demasiado finas conseguia ouvi-la a telefonar, histérica, ao John. Não havia dúvida de que ele viria para casa a correr para lidar comigo. O Problema. Em vez de ficar sentada na cama a chorar, como me apetecia, tirei a tralha da escola da mochila. Como se precisasse daquilo para onde ia! Nem sequer devem ter aulas normais. Devem ter aulas como Introdução às Dentadas na Garganta e... e... Introdução a Saber Ver às Escuras. Enfim.

Fizesse a minha mãe o que fizesse, eu não podia ali ficar. Tinha de me ir embora.

Por conseguinte, o que precisava de levar comigo?

Os meus dois pares de calças de ganga preferidos, além das que tinha vestidas. Duas t-shirts pretas. Quer dizer, que mais vestem os vampyros? Além disso, fazem-me parecer mais magra. Quase descartei a minha camisola brilhante azul-turquesa, mas tanto preto só podia deprimir-me... pelo que a levaria também. Depois meti montes de sutiãs e tangas e coisas para o cabelo e pinturas na bolsa lateral. Quase deixava ficar o peluche, *Otis Cheixe* (não sabia dizer peixe quando tinha dois anos), na almofada, mas... bem... vampyra ou não, não me parecia poder dormir bem sem ele. Por conseguinte, meti-o no raio da mochila.

Depois ouvi bater à porta do quarto, e a voz *dele* a dizer-me que de lá saísse.

— O quê? — Gritei, e depois tive um ataque de tosse pegado.

— Zoey, eu e a tua mãe temos de conversar contigo.

Que bom. Era evidente que não se tinham afogado.

Fiz uma festinha ao *Otis Cheixe* .

— Otis, isto é uma treta. — Endireitei os ombros, tornei a tossir, e saí para enfrentar o inimigo.



TERCEIRO CAPÍTULO

A primeira vista, o traste do meu padrasto, John Heffer, parece ser um tipo porreiro, até normal (sim, e é mesmo o apelido dele – e infelizmente, o da minha mãe também. Mrs. Heffer, dá para acreditar?).² Quando ele e a minha mãe começaram a namorar, até ouvi amigas dela a dizer que ele era «jeitoso» e «bem-apeesoado». A princípio. Claro que agora a Mãe tem amigas novas, que o Senhor Jeitoso e Bem-apeesoado acha mais consentâneas, do que o grupo de solteiras giras com quem ela se dava.

Nunca gostei dele. A sério. Não digo isto só porque agora não o suporto. Desde o dia em que o conheci que só vi uma coisa – um fingido. Finge ser porreiro. Finge ser bom marido. Até finge ser bom pai.

Tem o mesmo aspecto que qualquer outro tipo com idade para ser pai. Tem cabelo castanho-escuro, perninhas de galinha, e está a ganhar barriga. Os olhos são como a alma, acastanhados, frios, deslavados.

Entrei na sala e dei com ele de pé ao lado do sofá. A minha mãe estava enrolada numa ponta, agarrada à mão dele. Já tinha os

2 - Trocadilho com o eufemismo «effer» para o termo pejorativo «fucker», e com «heifer», mulher gorda. (N. da T.)

olhos vermelhos e lacrimejantes. Que bom. Ia fazer-se de Mãe Histérica e Magoada. É uma actuação e tanto.

John começara a tentar censurar-me com o olhar, mas a Marca distraiu-o, e contorceu a cara em ar enojado.

— Para trás de mim, Satanás! — Citou ele, naquilo a que gosto de chamar a sua voz de sermão.

Suspirei. — Não é Satanás, sou só eu.

— Não é altura para sarcasmos, Zoey — disse a Mãe.

— Eu trato disto, filha — disse o traste, e deu-lhe palmadinhas no ombro, com ar alheado, antes de voltar a mim.

— Eu disse-te que, a portares-te mal e com esse mau feitio, ainda havia de te acontecer alguma. Nem sequer estou admirado por ter acontecido tão cedo.

Abanei a cabeça. Já esperava aquilo. Esperava mesmo, mas mesmo assim fiquei chocada. O mundo inteiro sabia que ninguém podia fazer nada para precipitar a Mudança. Aquilo de «se um vampyro te morder, morres e transformas-te num» é completamente ficção. Os cientistas andam há anos a tentar descobrir o que provoca a sequência de eventos físicos que leva ao vampyrismo, na esperança de perceberem como o podem curar, ou pelo menos inventar uma vacina. Até agora, pouca sorte. Porém, John Heffer, o traste do meu padrasto, descobrira agora que o mau comportamento dos adolescentes – especificamente o meu que, regra geral, se traduzia numa mentira de vez em quando, ideias irritadiças e comentários escarninhos dirigidos principalmente aos meus pais, e talvez uma paixão assolapada e inofensiva por Ashton Kutcher (é uma pena que ele goste de mulheres mais velhas) – causava realmente aquela reacção física no meu corpo. Que raio, quem havia de dizer?

— Não foi coisa que eu tenha provocado — consegui finalmente dizer. — Não aconteceu por *culpa* minha. Aconteceu. Todos os cientistas do planeta dirão que sim.

— Os cientistas não são nenhuns sabichões. Não são homens de Deus.

Fiquei a olhar para ele. Era Ancião do Povo da Fé, cargo de que se orgulhava muitíssimo. Era uma das razões que levava a Mãe

a gostar dele, e a nível puramente lógico, até se percebia. Ser Ancião significava estar bem de vida. Tinha o emprego certo. Uma boa casa. A família perfeita. Presumia-se que fizesse as coisas certas e defendesse o bom caminho. No papel devia ter sido uma bela escolha para marido dela e nosso pai. É uma pena que o papel não conte a estória toda. E agora, como era de prever, ia jogar a cartada do Ancião e atirar-me com Deus à cara. Apostaria os meus sapatos *Steve Madden* novos em como Deus ficava tão irritado quanto eu.

Tentei outra vez.

— Estudámos isto na especialização de Biologia. É uma reacção fisiológica que ocorre no corpo de alguns adolescentes, quando o nível hormonal aumenta. — Parei para ponderar naquilo, orgulhosíssima por me recordar de algo que aprendera no semestre anterior.

— Em certas pessoas, as hormonas desencadeiam qualquer coisa numa... numa... — dei voltas à cabeça e lembrei-me:

— ...cadeia de ADN descartada, o que precipita a Mudança. — Sorri, não para John, mas sim encantada por me conseguir lembrar de coisas de uma cadeira que termináramos há meses. Percebi que o sorriso fora uma gafe, quando o vi retesar o maxilar.

— Os desígnios de Deus ultrapassam a ciência, e é blasfémia dizer o contrário, minha menina.

— Nunca disse que os cientistas são mais inteligentes do que Deus! — Levei as mãos à cabeça e tentei abafar um ataque de tosse. — Só estou a tentar explicar-lhe.

— Não preciso que alguém com dezasseis anos me explique coisíssima nenhuma.

Bem, ele tinha vestidas aquelas calças mesmo feias e aquela camisa pavorosa. Era evidente que precisava que uma adolescente lhe explicasse alguma coisa, mas não me pareceu a melhor altura para salientar a falta de gosto que ele mostrava.

— Mas John, filho, o que vamos fazer com ela? O que dirão os vizinhos? — A cara dela empalideceu ainda mais, e reprimiu um soluço.

— O que dirão as pessoas no Encontro de Domingo?

Ele semicerrou os olhos quando eu abri a boca para responder, e interrompeu-me antes que eu pudesse falar.

— Vamos fazer o que qualquer boa família deve fazer. Vamos entregar isto a Deus.

Iam mandar-me para um convento? Infelizmente, tive de aguentar outro ataque de tosse, pelo que ele continuou a arengar.

— Também vamos ligar ao Dr. Asher. Ele saberá o que fazer para acalmar a situação.

Maravilhoso. Fantástico. Vai chamar o psiquiatra da família, o Homem Incrivelmente Inexpressivo. Perfeito.

— Linda, liga para o número de urgência do Dr. Asher, e depois acho que seria acertado activar a linha telefónica da oração. Vê se os outros Anciãos sabem que devem reunir-se aqui.

A minha mãe assentiu e começou a levantar-se, mas as palavras que me saíram da boca fizeram-na cair no sofá outra vez.

— O quê? A vossa reacção é ligar a um psiquiatra que nada sabe de adolescentes e chamar aqueles Anciãos empedernidos para cá? Não! Não percebem? Tenho de me ir embora. Esta noite. — Tossi, um ruído mesmo lancinante que me dilacerou o peito.

— Estão a ver? Isto só vai piorar se eu me juntar aos... — hesitei. Porque seria tão difícil dizer «vampyros»? Porque parecia insólito – e definitivo – e porque, parte de mim admitiu, muito fantasioso.

— Tenho de ir para a Casa da Noite.

A Mãe pôs-se de pé num salto, e por segundos achei que me ia realmente salvar. Depois John pôs-lhe o braço no ombro, todo possessivo. Ela olhou para ele, e quando voltou a olhar para mim, o olhar quase parecia pesaroso, mas as palavras, essas, reflectiam apenas o que John queria que ela dissesse.

— Zoey, não deve fazer mal nenhum passar só esta noite em casa?

— Claro que não — disse John para ela. — Tenho a certeza de que o Dr. Asher verá a necessidade de uma visita ao domicílio. Com ele cá ela ficará perfeitamente bem. — Mais palmadinhas no ombro, a fingir importar-se, mas em vez de atencioso, soava a asqueroso.

Eu olhava para um e para outro. Não me iam deixar ir embora. Esta noite não, e talvez nunca, ou pelo menos até eu ter de sair de ambulância. De súbito, compreendi que não era apenas a Marca e o facto de a minha vida ter mudado completamente. Era uma questão de controlo. Se me deixassem ir, perdiam, de algum modo. No caso da Mãe, apraz-me pensar que ela tinha medo de me perder. E sabia o que é que John não queria perder. Não queria perder a preciosa autoridade e a ilusão de sermos uma famíliazinha perfeita. Como a Mãe já dissera, *O que dirão os vizinhos? O que dirão as pessoas no Encontro de Domingo?* John tinha de manter a ilusão, e se tal implicasse deixar-me ficar mesmo doente, ora, não se ralava nada.

Mas eu ralava-me.

Vi que era tempo de deitar a mão à situação (afinal, tinha as mãos bem tratadas).

— Óptimo — disse eu. — Liguem ao Dr. Asher. Comecem a linha telefónica da oração. Importam-se que me vá deitar enquanto não chega toda a gente? — E tossi mais para ajudar.

— Claro que não, querida — respondeu a Mãe, com ar aliviado. — Até te pode fazer sentir melhor. — Depois desenvencilhou-se do braço possessivo de John. Sorriu e depois abraçou-me.

— Queres que te leve NyQuil?

— Não, eu fico bem — respondi, agarrei-me a ela só um segundo, a desejar com toda a força que fosse há três anos e ela toda minha – toda do meu lado. Depois respirei fundo e recuei.

— Eu fico bem — repeti.

Ela observou-me e assentiu, a dizer-me que lamentava da única maneira que podia, com o olhar.

Virei costas e comecei a bater em retirada para o quarto. O traste do meu padraço disse para as minhas costas:

— E porque não nos fazes o especial favor de arranjar pó-de-arroz ou coisa assim para tapar essa coisa que tens na testa?

Nem sequer parei. Continuei a andar. E não ia chorar.

Vou lembrar-me disto, disse para comigo, muito séria. *Vou lembrar-me do quanto me fizeram sentir mal hoje. Para quando estiver sozinha e assustada, e sei lá o que mais que me vai começar a*

acontecer, me lembrar de que nada poderá ser tão mau como estar presa aqui. Nada.



QUARTO CAPÍTULO

Elá fui sentar-me na cama a tossir, enquanto ouvia a minha mãe a fazer um telefonema frenético para o número de emergência do nosso psiquiatra, logo seguido de outra chamada igualmente histérica, a qual activaria a linha da oração do temível Povo da Fé. Dentro de trinta minutos, a casa encher-se-ia de mulheres gordas, e seus maridos pedófilos de olhos de carneiro mal morto. Chamar-me-iam à sala. A minha Marca seria considerada um Problema Mesmo Grande e Embaraçoso, pelo que me iriam ungir com uma porcaria qualquer, a qual só podia entupir-me os poros e causar-me uma borbulha ao estilo Ciclope, antes de me porem as mãos e rezarem. Pediriam a Deus que me ajudasse a deixar de ser uma adolescente tão má e tamanho problema para os meus pais. Ah, e a questãozinha da Marca também teria de ser resolvida.

Se ao menos fosse simples. Não me importaria nada de fazer um acordo com Deus, para ser boa miúda em vez de mudar de escola e de espécie. Até faria o exame de Geometria. Enfim. Talvez não fizesse o exame de Geometria – mas mesmo assim, não é que tenha pedido isto, ser uma anormal. Tudo isto significava que ia ter de me ir embora. Recomeçar a vida algures, onde seria a miúda nova. Onde não teria amigos. Pisquei os olhos com força, obrigando-me a

não chorar. A escola era o único sítio onde me sentia bem; os amigos eram a minha família. Fechei os punhos e contorcei a cara para não chorar. Um passo de cada vez – faria aquilo um passo de cada vez.

Nem por sombras iria lidar com os clones do traste do meu padrasto, ainda por cima. E, como se o Povo da Fé já não fosse mau, a seguir à horrenda sessão de oração haveria uma sessão igualmente maçadora com o Dr. Asher. Perguntar-me-ia imensas coisas sobre a minha reacção a isto e àquilo. Depois continuaria a arengar sobre a raiva e a angústia dos adolescentes serem normais, mas que só eu poderia escolher o impacto que teriam na minha vida... blá... blá... blá... e dado que era uma «emergência», talvez quisesse que eu desenhasse qualquer coisa que representasse a minha criança interior, ou sei lá que mais.

Tinha mesmo de me ir embora dali.

É bom que eu tenha sido sempre «a má filha» e estivesse preparada para uma situação daquelas. Bom, não andava a pensar em fugir de casa para ir ter com vampyros, quando pus a chave sobressalente do carro debaixo do vaso que estava à janela. Só pensava que poderia querer escapulir-me e ir a casa da Kayla. Ou, se quisesse *mesmo* ser má, poderia encontrar-me com o Heath no jardim e namorar. Contudo, o Heath começou a beber e eu comecei a transformar-me em vampyra. Por vezes a vida não tem sentido nenhum.

Agarrei na mochila, abri a janela e, com uma facilidade que dizia mais da minha natureza pecadora do que das secas dos sermões do padrasto traste, empurrei a rede. Pus os óculos de Sol e espreitei. Eram só quatro e meia ou coisa assim, ainda não estava escuro, pelo que fiquei mesmo contente com o facto de a vedação me esconder totalmente dos metediços dos vizinhos. Daquele lado da casa, as únicas outras janelas eram as do quarto da minha irmã, e ela ainda devia estar nos treinos da claqué (o mundo devia estar mesmo a acabar, para eu estar contente com o facto de a vida da minha irmã girar em torno daquilo a que ela chamava «o desporto das claques»). Atirei a mochila para fora primeiro, e depois fui lentamente atrás, com cuidado para não fazer sequer um ruído a aterrar na relva. Fiquei quieta o que me pareceram minutos infinitos, a esconder a cara

nas mãos para abafar aquela tosse horrível. Depois dobrei-me, levantei a beira do vaso com a alfazema que a Avó Redbird me dera, deixei que os dedos achassem o metal duro da chave, aninhada na erva apertada.

O portão nem sequer rangeu quando o abri e saí como um dos Anjos de Charlie. O meu querido Carocha estava no lugar de sempre – mesmo em frente à terceira porta da nossa garagem para três carros. O traste do meu padraço não me deixava estacionar lá dentro, dizia que o cortador de relva era mais importante (mais importante do que um Volkswagen de origem? Como? Nem fazia sentido nenhum. Que ideias arrapazadas! Desde quando me ralava com a origem do meu Carocha? Devia estar mesmo a Mudar). Olhei para os dois lados. Nada. Corri para o carro, entrei, engatei em ponto morto, e fiquei mesmo grata por o nosso acesso ser ridiculamente íngreme, quando o meu carrinho maravilhoso deslizou suave e silenciosamente para a estrada. Dali foi fácil arrancar e zarpar do bairro das Casas Grandes e Caras.

Nem sequer olhei para o retrovisor.

Mas desliguei o telemóvel. Não queria falar com ninguém.

Não, não era bem verdade. Havia uma pessoa com quem queria muito falar. Era a única pessoa no mundo que eu tinha a certeza que não olharia para a Marca e acharia que eu era um monstro ou uma aberração ou uma pessoa mesmo má.

Como se o Carocha me lesse o pensamento, pareceu virar sozinho para a auto-estrada que ia para a portagem de Muskogee e, por fim, para o sítio mais maravilhoso deste mundo: a quinta de alfazema da Avó Redbird.

...

Ao invés da viagem de escola para casa, a hora e meia até à quinta da Avó Redbird pareceu uma eternidade. Quando saí da via rápida para a estrada de terra batida até à casa da Avó, tinha ainda mais dores no corpo do que quando contrataram uma professora de ginástica maluca, a qual achava que tínhamos de fazer pesos, enquanto

ela dava ao chicote e cacarejava. Enfim, talvez não tivesse nenhum chicote, mas mesmo assim. Doíam-me os músculos. Eram quase seis da tarde e o Sol começava finalmente a pôr-se, mas ainda me ardiavam os olhos. Aliás, até a luminosidade crepuscular me fazia sentir um formigueiro estranho na pele. Fiquei contente por estarmos em finais de Outubro, e de estar finalmente fresco para usar a camisola *Borg Invasion 4D* com capuz (pois, é de um carrossel do *Caminho das Estrelas: A Geração Seguinte* em Las Vegas e, tristemente, de vez em quando sou completamente apanhadinha pelo *Caminho das Estrelas*) a qual, felizmente, me tapava a maior parte da pele. Antes de sair do Carocha, procurei no banco de trás pelo velho boné da universidade, e enterrei-o na cabeça para me cobrir a cara do Sol.

A casa da minha avó ficava entre dois campos de alfazema e à sombra de carvalhos enormes e antigos. Fora construída em 1942 das pedras nuas do Oklahoma, tinha um alpendre confortável e janelas invulgarmente grandes. Eu adorava aquela casa. Só de subir os degraus de madeira do alpendre já me sentia melhor... segura. Depois reparei no bilhete colado à porta. Foi fácil reconhecer a letra bonita da Avó Redbird: *Fui às ravinas apanhar flores.*

Toquei no papel perfumado a alfazema. Ela sabia sempre quando é que eu lá ia vê-la. Quando era miúda até achava estranho, mas fui crescendo e admirando o sexto sentido que ela tinha. Toda a vida soubera que, acontecesse o que acontecesse, poderia contar com a Avó Redbird. Naqueles terríveis primeiros meses depois de a Mãe se casar com John, acho que teria definhado e morrido se não pudessem fugir todos os fins-de-semana para casa da Avó.

Por segundos achei que entraria (a Avó nunca trancava as portas) para esperar por ela lá dentro, mas precisava de a ver, que ela me abraçasse e dissesse o que a Mãe me devia ter dito. *Não tenhas medo... vai correr tudo bem... vamos tratar de tudo.* Por conseguinte, em vez de entrar, dei com o carreiro na beira do campo de alfazema mais a norte, que seguia para as ravinas, e comecei a andar, deixando as pontas dos dedos roçarem pelas ervas mais altas, para que pelo caminho fossem libertando os seus aromas doces e prateados no ar que me rodeava, como se me dessem as boas-vindas.

marçada

Parecia terem-se passado anos desde que lá estivera, embora tivesse estado apenas quatro semanas antes. O John não gostava da Avó. Achava-a estranha. Eu ouvira-o dizer à Mãe que a Avó era «bruxa e ia para o inferno». Mas que pacóvio.

Depois tive uma ideia espantosa e parei completamente de andar. Os meus pais já não controlavam os meus actos. Já não ia viver com eles, nunca mais. O John já não podia mandar em mim.

Uau! Fantástico!

Tão fantástico que tive um ataque de tosse a ponto de ter de me abraçar, como que para tentar segurar o peito. Tinha de encontrar a Avó Redbird, e depressa.



QUINTO CAPÍTULO

A subida pelas ravinas sempre fora íngreme, mas eu já a subira montes de vezes, com e sem a avó, e nunca me sentira assim. Já não era só a tosse. Já não eram só os músculos doridos. Sentia-me tonta e tinha o estômago revolvido, a ponto de me lembrar da Meg Ryan no filme *French Kiss*, em que ela come imenso queijo e tem um ataque de intolerância à lactose (o Kevin Kline está mesmo giro nesse filme – bem, para velhote).

E estava ranhosa. Não era só fungar, estava mesmo a limpar o nariz à manga da camisola (que nojo). Só conseguia respirar de boca aberta, o que ainda me fazia tossir mais, e nem podia acreditar nas dores que sentia no peito! Tentei lembrar-me do que é que matava, oficialmente, os miúdos que não conseguiam concluir a Mudança para vampyros. Teriam ataques cardíacos? Ou seria possível que tosissem e vertessem ranho até à morte?

Pára de pensar nisso!

Tinha de encontrar a Avó Redbird. Se a Avó não soubesse as respostas, descobri-las-ia. A Avó Redbird sabia compreender as pessoas. Dizia que era por não ter perdido contacto com o legado cherokee e os conhecimentos tribais das ancestrais Mulheres Sábias que lhe estavam no sangue. Nem naquele momento eu pude deixar

de sorrir ao pensar na cara que a Avó fazia quando se falava no traste do meu padraço (é a única pessoa crescida que sabe que eu lhe chamo assim). A Avó Redbird dizia ser óbvio que o sangue das Mulheres Sábias Redbird não passara para a filha, mas só porque se estivera a poupar para me dar uma dose extra de antiga magia cherokee.

Em criança eu subira aquele carreiro pela mão da Avó, tantas vezes que lhes perdera a conta. No prado de erva alta e florinhas, estendíamos uma manta de cores garridas e fazíamos um piquenique, com a Avó a contar estórias do povo Cherokee e a ensinar-me as palavras de sons misteriosos daquela língua. Enquanto me esforçava para subir o carreiro sinuoso, parecia que as estórias antigas rodopiavam à minha volta e dentro da minha cabeça, como o fumo de uma fogueira cerimonial... até mesmo a estória triste da criação das estrelas, quando se tinha descoberto um cão a roubar farinha de milho e a tribo o açoitara. O cão fugira a uivar para a sua casa no norte, a farinha espalhou-se pelo céu, e a magia que ela tinha criou a Via Láctea. Ou a estória do Grande Besouro que fez as montanhas e os vales com as suas asas. E a minha preferida, a estória da jovem Sol que morava no oriente, e do seu irmão, a Lua, que morava no ocidente, e da Redbird que era filha do Sol.

— Não é estranho? Sou uma Redbird e filha do Sol, mas estou a tornar-me num monstro da noite — dei comigo a pensar alto, e fiquei admirada por ter a voz tão fraca, especialmente quando parecia que as palavras ecoavam à minha volta, como se eu falasse para dentro de um tambor.

Tambor...

A palavra recordou-me das assembleias índias a que a Avó me levava quando eu era pequena e nisto, como se o pensamento desse vida à recordação, até ouvi a batida ritmada dos tambores cerimoniais. Olhei em volta, de olhos semicerrados contra a luz fraca do dia que findava. Ardiam-me os olhos e tinha a vista toda nublada. Não fazia vento, mas as sombras das pedras e das árvores pareciam mexer-se... esticar-se... esticar-se para mim.

— Avó, tenho medo... — gritei entre assomos de tosse.

Não há que ter medo dos espíritos da terra, Zoeybird.

marçada

— Avó? — Teria ouvido a voz dela a tratar-me pela alcunha que me dera, ou seria apenas mais estranheza e ecos, desta vez vindos das minhas lembranças?

— Avó! — Tornei a chamar, e fiquei quieta à espera de resposta.

Nada. Nada à exceção do vento.

U-no-le... o termo cherokee para designar vento passou-me pela cabeça como um sonho meio esquecido.

Vento? Não, espera! Não havia vento nenhum até há segundos, mas agora tinha de segurar o boné com uma mão, e afastar o cabelo que me fustigava o rosto com a outra. Depois no vento ouvi – o som de muitas vozes cherokee num cântico ao ritmo dos tambores cerimoniais. Por um véu de cabelo e lágrimas vi fumo. O aroma adocicado a pinho encheu-me a boca aberta e senti o gosto das fogueiras dos meus antepassados. Arfei, e tentei recobrar o fôlego.

Depois senti. Estavam à minha volta, formas quase visíveis a cintilarem como ondas de calor que se evolvem do alcatrão no Verão. Sentia-as contra mim enquanto giravam e se mexiam, em passos graciosos e complexos, à volta da imagem indistinta de uma fogueira cherokee.

Vem, U-we-tsi-a-ge-ya... Vem, filha...

Fantasmas cherokee... a afogarem-se nos meus próprios pulmões... a briga com os meus pais... a minha antiga vida, desaparecida...

Era de mais. Fugi dali.

Acho que aquilo que nos ensinam em Biologia, acerca de a adrenalina tomar o controlo na hora de ficar ou fugir, deve ser verdade, porque embora sentisse o peito prestes a explodir, e parecesse que estava a tentar respirar debaixo de água, subi a correr o último e mais íngreme troço do caminho, como se tivessem aberto as lojas todas do centro e estivessem a dar sapatos de borla.

Arfava e tropeçava pelo caminho – cada vez mais alto – a tentar fugir aos espíritos aterradores que pairavam sobre mim como uma névoa, mas em vez de os deixar para trás, parecia que corria cada vez mais para dentro do seu mundo de fumo e sombras. Estaria a morrer? Era isto? Era por isso que via fantasmas? Onde é que está a

luz branca? Completamente em pânico, continuei a avançar, a agitar os braços como se pudesse afugentar o terror que me perseguia.

Não vi a raiz que saía da terra dura do caminho. Completamente desorientada, tentei sustentar a queda, mas não tinha reflexos. Estatelei-me redondamente. Senti uma dor aguda na cabeça, mas só durou um instante, antes de o negrume me engolir.

...

Foi muito estranho acordar. Esperava ter o corpo dorido, especialmente a cabeça e o peito, mas em vez de dor sentia... bem... sentia-me bem. Aliás, mais que bem. Não tossia. Tinha os braços e as pernas espantosamente leves e quentes, sentia formigueiro como se tivesse acabado de entrar numa banheira de água borbulhante numa noite fria.

Hã?

Abri os olhos com a surpresa. Estava a olhar para uma luz que, milagrosamente, não me feria os olhos. Em vez da luz ofuscante do Sol, era mais como uma chuvinha de luzes de velas, que descia sobre mim filtrada. Sentei-me, e percebi que me enganara. A luz não descia sobre mim. Era eu quem subia até ela!

Vou para o Céu. Bem, vai haver gente chocada.

Olhei para baixo para ver *o meu corpo!* Eu ou ele ou... ou... fosse o que fosse, estava assustadoramente perto da beira da ravina. Tinha o corpo muito quieto. Um lenho na testa, que sangrava abundantemente. O sangue caía regularmente num buraco do chão pedregoso, e deixava um rasto de lágrimas encarnadas que se precipitava no coração da ravina.

Era incrivelmente estranho olhar para mim lá em baixo. Não tinha medo. Mas devia ter, não devia? Não significava aquilo que eu morrera? Talvez pudesse ver melhor os fantasmas cherokee agora. Nem essa ideia me assustou. Aliás, em vez de ter medo, era mais como se observasse de fora, como se nada me pudesse atingir (como aquelas raparigas que fazem sexo com todos e acham que não vão engravidar nem apanhar uma DST pavorosa que come o cérebro e tudo; bom, veremos daqui a dez anos, não é?).

marçada

Aprazia-me o aspecto que o mundo tinha, brilhante e novo, mas era o meu corpo que mais me interessava. Flutuei para mais perto dele. Arfava regular e superficialmente. Bem, o meu corpo arfava assim, não o eu que eu era (isto dos pronomes é uma confusão). E eu/ela não estava com bom aspecto. Eu/ela estava pálida e de lábios azulados. Eh lá! Cara branca, lábios azuis e sangue encarnado! Sou ou não sou patriota?

Ri-me, e foi espantoso! Juro que vi o meu riso a flutuar à minha volta, como aquelas penugens que sopramos em dentes-de-leão, só que, em vez de brancas, eram azuis como a cobertura de um bolo de aniversário. Uau! Quem haveria de dizer que bater com a cabeça e desmaiar podia ser tão giro? Seria assim estar pedrada?

O riso gélido de dente-de-leão desvaneceu-se e ouvi o som cristalino de água a correr. Aproximei-me mais do meu corpo, e pude ver que o que, a princípio, me parecera um buraco no chão, era uma fenda na rocha. O ruído da água corrente vinha lá de dentro. Com curiosidade, espreeitei para baixo, e saiu de dentro da rocha o contorno prateado e luzidio das palavras. Apurei o ouvido, e fui brindada com um som fraco, sussurrante, de prata.

Zoey Redbird... vem a mim...

— Avó! — Clamei para a brecha na rocha. As minhas palavras eram cor de púrpura-viva e encheram o ar à minha volta.

— És tu, Avó?

Vem a mim...

A prata misturou-se com a púrpura da minha voz visível, colorindo as palavras com a cor reluzente das flores de alfazema. Era um sinal! De algum modo, tal como os espíritos guias em que o povo Cherokee acreditava há séculos, a Avó Redbird estava a dizer-me que eu tinha de descer para dentro da rocha.

Sem mais delongas, lancei o meu espírito para dentro da fenda, seguindo o rasto do meu sangue e da recordação prateada do sussurro de minha avó, até que cheguei ao chão macio de uma sala parecida com uma gruta. No meio dela, borbulhava uma nascente, a jorrar fragmentos de som visível que tilintavam, brilhantes e da cor do vidro. Misturados com as gotas escarlates do meu sangue, ilumi-

naram a gruta com uma luz tremeluzente, da cor das folhas secas. Eu queria sentar-me ao lado da nascente gorgolejante e deixar os meus dedos tocarem no ar que a rodeava, e brincar com a textura da sua música, mas a voz chamou-me outra vez.

Zoey Redbird... segue-me até ao teu destino...

Por conseguinte, segui a corrente e o chamamento da mulher. A gruta estreitava-se até ser só um túnel arredondado. Curvava e serpenteava, numa espiral suave, terminando abruptamente numa parede que estava coberta de símbolos gravados, a um tempo conhecidos e estranhos. Confusa, observei a corrente precipitar-se para uma fenda na parede e desaparecer. E agora? Devia segui-la?

Olhei para trás, para o túnel. Não havia lá nada, tirando a luz que dançava. Virei-me para a parede e senti como que um choque eléctrico. Ena! Estava lá uma mulher, sentada de pernas cruzadas, em frente à parede! Trajava um vestido branco com franjas, bordado com os mesmos símbolos da parede por detrás dela. Era de uma beleza fantástica, com cabelos compridos e lisos, tão pretos que pareciam ter matizes azuis e violeta como a asa de um corvo. Os lábios cheios curvaram-se quando falou, enchendo o ar entre nós com o poder argênteo da sua voz.

Tsi-lu-gi U-we-tsi-a-ge-ya. Bem-vinda, minha Filha. Procede bem.

Falou em língua cherokee, e embora eu não tivesse treinado muito naqueles últimos dois anos, compreendi as palavras.

— Não és a minha avó! — Exclamei, sentindo-me constrangida e deslocada, quando as minhas palavras cor de púrpura se juntaram às dela, criando padrões incríveis de alfazema rutilante no ar que nos rodeava.

O sorriso dela era como o Sol nascente.

Não, minha Filha, não sou, mas conheço Sílvia Redbird muito bem.

Respirei fundo.

— Morri?

Tive medo que se risse de mim, mas não o fez. Pelo contrário, os olhos escuros eram suaves e preocupados.

marçada

Não, U-we-tsi-a-ge-ya. Estás longe de teres morrido, embora o teu espírito se tenha libertado temporariamente para vaguear pelo reino dos Nunne 'hi.

— O povo do espírito! — Olhei para o túnel, a tentar ver rostos e formas nas sombras.

A tua avó ensinou-te bem, u-s-ti Do-tsu-wa... pequena Redbird. És uma mescla única dos Costumes Antigos e do Novo Mundo – de antigo sangue tribal e do bater do coração de forasteiros.

As palavras dela fizeram-me sentir calor e frio ao mesmo tempo.

— Quem és tu? — Perguntei.

Tenho muitos nomes... Mulher em Mudança, Gaea, Aakuluujjusi, Kuanj Yin, Avó Aranha, e até Alvorada...

Enquanto dizia cada nome, o seu rosto transformava-se e fiquei tonta com seu poder. Deve ter percebido, porque parou de falar e brindou-me outra vez com o seu belo sorriso, e o rosto fixou-se na mulher que eu primeiro vira.

Mas tu, Zoeybird, minha Filha, podes chamar-me pelo nome em que hoje me conhecem no teu mundo, Nyx.

— Nyx — a minha voz não passava de um sussurro. — A Deusa vampyra?

Na verdade, foram os antigos Gregos, tocados pela Mudança, quem primeiro me adoraram como a mãe que buscavam na sua Noite infinita. Tive o prazer de chamar filhos aos seus descendentes, durante muitas eras. E sim, no teu mundo, chama-se vampyros a esses filhos. Aceita o nome, U-we-tsi-a-ge-ya; nele encontrarás o teu destino.

Senti a Marca a arder-me na testa, e de repente quis chorar.

— Não compreendo. Encontrarei o meu destino? Só quero arranjar maneira de lidar com a minha nova vida – de ficar tudo bem. Deusa, só quero integrar-me em algum lugar. Acho que não consigo encontrar o meu destino.

O rosto da Deusa suavizou-se outra vez, e quando falou, a sua voz era como a de minha mãe, apenas mais – como se tivesse, de algum modo, polvilhado o amor de todas as mães do mundo nas suas palavras.

Acredita em ti, Zoey Redbird. Marquei-te como minha. Serás a minha primeira *U-we-tsi-a-ge-ya v-hna-i Sv-noi-yi verdadeira... Filha da Noite... desta era. És especial. Aceita isso a teu respeito, e começará a compreender que há verdadeiro poder na tua singularidade. Em ti combina-se a magia das antigas Sábias e Anciãs, bem como a percepção e a compreensão do mundo moderno.*

A Deusa levantou-se e avançou graciosamente para mim, a voz a pintar símbolos argênteos de poder no ar à nossa volta. Quando chegou a mim, limpou-me as lágrimas das faces, e tomou-me o rosto nas mãos.

Zoey Redbird, Filha da Noite, nomeio-te os meus olhos e os meus ouvidos no mundo de hoje, um mundo em que o bem e o mal se digladiam para achar um equilíbrio.

— Mas eu tenho dezasseis anos! Só sei estacionar em espinha! Como é que vou saber ser os teus olhos e os teus ouvidos?

Ela limitou-se a sorrir serenamente. *És mais velha do que a tua idade, Zoeybird. Tem fé em ti e acharás maneira. Mas lembra-te, as trevas nem sempre equivalem ao mal, assim como a luz nem sempre traz o bem.*

Depois a Deusa Nyx, a antiga personificação da Noite, inclinou-se e beijou-me na testa. E, pela terceira vez nesse dia, perdi os sentidos.



SEXTO CAPÍTULO

B*elíssima, vê a nuvem, a nuvem surgir*
Belíssima, vê a chuva, a chuva cair...

As palavras daquela canção antiga flutuavam-me na cabeça. Devia estar a sonhar com a Avó Redbird outra vez. Fazia-me sentir quente e segura e feliz, o que era particularmente bom, dado que me sentia tão em baixo ultimamente... tirando não me conseguir lembrar porquê. Hã? Estranho.

Quem falou?
A pequena espiga de milho,
Alta no cimo da haste...

A canção de minha avó continuou, e eu deitei-me de lado e enrolei-me, a suspirar e a roçar a face na almofada macia. Infelizmente, mexer a cabeça provocava uma dor muito feia nas têmporas que, como uma bala a atravessar um vidro, me estilhaçou a sensação de felicidade quando a recordação daquele último dia me invadiu.

Estava a transformar-me em vampyra.
Fugira de casa.

Tivera um acidente e depois uma espécie de experiência de quase-morte.

Estava a transformar-me em vampyra. Oh, meu Deus.

Doía-me imenso a cabeça.

— Zoeybird! Já acordaste, fofinha?

Pisquei os olhos desfocados até conseguir ver a Avó Redbird sentada numa cadeirinha ao lado da cama.

— Avó! — Exclamei e procurei a mão dela. A minha voz soava tão mal quanto a cabeça me doía.

— O que aconteceu? Onde estou?

— Estás a salvo, Pequeninina, estás a salvo.

— Dói-me a cabeça — ergui o braço e toquei no sítio que sentia inchado e dorido, e os dedos encontraram a marca dos pontos.

— Bem pode. Tiraste-me dez anos de vida. — A Avó fez-me festinhas nas costas da mão.

— Tanto sangue... — Estremeceu, e depois abanou a cabeça e sorriu-me.

— E que tal prometeres nunca mais fazeres tal coisa?

— Prometo — disse eu. — Então, encontraste-me...

— Cheia de sangue e desmaiada, Pequeninina. — A Avó afastou-me o cabelo da testa, os dedos a roçarem ao de leve na Marca.

— E tão pálida que a meia-lua escura parecia brilhar na pele clara. Sabia que tinhas que ir para a Casa da Noite, e foi exactamente isso que fiz. — Riu-se, e a centelha de malícia que tinha nos olhos fê-la parecer uma rapariguinha.

— Liguei à tua mãe para lhe dizer que te ia levar à Casa da Noite, e tive de fingir ficar sem rede no telemóvel para poder desligar. Parece-me que ela não está nada satisfeita connosco.

Sorri à Avó Redbird também. Iupi, a Mãe também estava zangada com ela.

— Mas, Zoey, que coisa andavas a fazer em plena luz do dia? E porque não me disseste que tinhas sido Marcada?

Tentei sentar-me na cama, a gemer com as dores na cabeça. Mesmo assim, parecia que já não tinha ataques de tosse, felizmente. *Deve ser por estar finalmente aqui – na Casa da Noite... Mas a ideia*

marçada

varreu-se-me quando assimilei tudo o que a Avó me dissera.

— Espera, mas não te podia ter dito há mais tempo. O Caça foi lá à escola hoje e Marcou-me. Fui a casa primeiro. Esperava realmente que a Mãe compreendesse e ficasse do meu lado. — Calei-me, a lembrar-me novamente daquela cena terrível com os meus pais. Compreendendo perfeitamente, a Avó apertou-me a mão.

— Ela e o John praticamente fecharam-me no quarto enquanto chamavam o psiquiatra e começavam a linha da oração.

A Avó fez uma careta.

— Por isso saltei pela janela e vim logo ter contigo — concluí.

— Ainda bem que o fizeste, Pequeninina, mas não faz sentido nenhum.

— Pois não — suspirei. — Também não acredito que me Marcaram. Porquê eu?

— Não foi isso que eu quis dizer, fofinha. Não me admira que tenhas sido Caçada e Marcada. O sangue Redbird teve sempre uma forte magia; era apenas uma questão de tempo, até uma de nós ser Escolhida. Quero dizer que não faz sentido teres sido Marcada *há pouco*. A meia-lua não é um simples esboço. Está completamente preenchida.

— Não é possível!

— Vê com os teus olhos, *u-we-tsi-a-ge-ya*. — A Avó usou o termo cherokee para dizer filha, o que me lembrou imenso de uma deusa antiga e misteriosa.

A Avó procurou o estojo prateado de pó-de-arroz que trazia sempre com ela. Sem dizer palavra, deu-mo. Afastei o pequeno trinco, ele abriu-se e vi o meu reflexo... a estranha conhecida... o eu que não era bem *eu*. Os olhos dela eram enormes e a pele branca de mais, mas mal reparei nisso. Não conseguia deixar de olhar para a Marca, a Marca que era agora uma meia-lua completa, preenchida com o azul-safira da tatuagem dos vampyros. Como se ainda me sentisse num sonho, ergui a mão e toquei na Marca, deixei os dedos percorrerem o contorno daquele exotismo, e pareceu-me sentir os lábios da Deusa na minha pele outra vez.

— O que significa? — Perguntei, sem conseguir afastar os olhos da Marca.

— Esperávamos que tivesses resposta a essa pergunta, Zoey Redbird.

A voz dela era espantosa. Ainda antes de tirar os olhos do meu reflexo, soube que ela seria única e incrível. E tinha razão. Era tão linda quanto uma estrela de cinema, uma *Barbie*. Eu nunca tinha visto ninguém ao perto que fosse tão perfeita. Tinha uns olhos amendoados enormes, da cor verde do musgo. O rosto era quase um coração perfeito e a pele tão cremosa quanto se via na televisão. O cabelo era ruivo-escuro – não do horrível tipo cenoura, nem ruivo amarelado, mas sim castanho-avermelhado brilhante, e caía-lhe nos ombros em pesadas ondas. O corpo era, bem, perfeito. Não era magricela como as anormais que vomitavam e passavam fome, e que pensavam vir a ser a nova Paris Hilton («That's Hott». Está bem, Paris, haja paciência). O corpo daquela mulher era perfeito por ser forte e curvilíneo. E tinha umas belas mamas (quem me dera ter belas mamas).

— Hã? — Perguntei. Por falar em mamas – lá estava eu com pensamentos arrapazados (ehehe).

A mulher sorriu para mim e mostrou dentes brancos espantosamente certos – sem caninos pontiagudos. Ah, acho que me esqueci de dizer que, além da perfeição dela, tinha uma meia-lua cor de safira tatuada no meio da testa, de onde saíam linhas sinuosas que me faziam lembrar ondas no mar, a emoldurar-lhe as sobancelhas, e a descer até às maçãs do rosto pronunciadas.

Era vampyra.

— Dizia eu esperarmos que tivesses uma explicação para o facto de uma vampyra iniciada e ainda por Mudar já ter a Marca de uma criatura madura na frente.

Sem o sorriso e a solicitude na sua voz, as palavras poderiam ter soado ásperas. Antes pelo contrário, o que disse soou aflito e algo confuso.

— Então não sou vampyra? — Balbuciei.

O riso dela era como música.

— Ainda não, Zoey, mas eu diria que já ter a tua Marca terminada é um excelente augúrio.

marçada

— Ah... eu... bem, óptimo. Isso é óptimo — continuei, atabalhoada.

Felizmente que a Avó me salvou de uma humilhação total.

— Zoey, esta é a Sumo-Sacerdotisa da Casa da Noite, Neferet. Tomou conta de ti enquanto estiveste — a Avó calou-se; era óbvio que não queria dizer «desmaiada» — enquanto estiveste a dormir.

— Bem-vinda à Casa da Noite, Zoey Redbird — disse Neferet, simpática.

Olhei para a Avó, e depois para Neferet outra vez. Sentia-me para lá de perdida, e tartamudeei

— Não é esse o meu apelido. O meu apelido é Montgomery.

— A sério? — Retrucou Neferet, erguendo as sobrancelhas ambarinas.

— Uma das regalias de começar uma nova vida é poder começar de novo – fazer escolhas que não tínhamos anteriormente. Se pudesses escolher, qual seria o teu nome?

Não hesitei. — Zoey Redbird.

— Então a partir deste momento, serás Zoey Redbird. Bem-vinda à tua nova vida. — Estendeu o braço como se fosse dar-me um aperto de mão, e estendi a minha, acto contínuo. Porém, em vez de me pegar na mão, agarrou-me no antebraço, coisa estranha mas que parecia certa, de algum modo.

O toque dela era quente e firme. O sorriso irradiava boas-vindas. Era espantosa e digna de admiração. Aliás, era aquilo que todos os vampyros são, *mais* do que humana – mais forte, mais esperta, mais talentosa. Parecia que alguém ligara dentro dela uma luz interior, coisa que me apercebi ser realmente uma descrição irónica, tendo em conta os estereótipos sobre vampyros (alguns dos quais eu já sabia serem completamente verdade): evitam a luz do Sol, têm mais poder à noite, precisam de beber sangue para sobreviver (gaaaah!), e adoram uma deusa conhecida como a Noite personificada.

— O-obrigada, prazer em conhecê-la — disse eu, a esforçar-me por parecer pelo menos semi-inteligente e normal.

— E estava a dizer à tua Avó que nunca tivemos uma ini-

ciada que nos tenha chegado de maneira tão invulgar – desmaiada e com uma Marca completa. Lembras-te do que te aconteceu, Zoey?

Abri a boca para lhe dizer que me lembrava completamente – de cair e bater com a cabeça... de me ver como um espírito flutuante... de seguir as palavras estranhamente visíveis para dentro da gruta... e, por fim, de encontrar a Deusa Nyx. Porém, mesmo antes de dizer as palavras, tive uma sensação estranha, como se me tivessem dado um murro no estômago. Era uma sensação clara e específica, e dizia-me que me calasse.

— Não – não me lembro de muita coisa — calei-me e toquei no sítio dorido onde os pontos estavam salientes.

— Não depois de bater com a cabeça. Quer dizer, até então lembro-me de tudo. O Caça Marcou-me; contei aos meus pais e tive uma briga astronómica com eles; depois fugi para casa da minha avó. Sentia-me muito mal, pelo que, quando subi o carreiro para as ravinas... — Lembrava-me do resto – de todo o resto – dos espíritos do povo Cherokee, da dança e da fogueira. *Cala-te!* Gritou a sensação.

— Acho – acho que devo ter tropeçado por estar sempre a tossir, e bati com a cabeça. A seguir só me lembro da Avó Redbird a cantar e de acordar aqui. — Terminei à pressa. Queria afastar os olhos da acutilância do seu olhar verde, mas a mesma sensação que me mandava estar calada também me dizia claramente que tinha de manter contacto visual com ela, que tinha de esforçar-me para parecer que não estava a esconder coisa alguma, embora não tivesse a mais pálida ideia da razão pela qual escondia alguma coisa.

— É normal ter perdas de memória com uma ferida na cabeça — disse a Avó com ar desprendido, interrompendo o silêncio.

Até tive vontade de a beijar.

— Sim, claro que é — disse Neferet rapidamente, o rosto a perder a acutilância.

— Nada temas pela saúde da tua neta, Sylvia Redbird. Ficará tudo bem com ela.

Dirigiu-se à Avó com todo o respeito, e parte da tensão que se acumulara dentro de mim desanuviou-se. Se ela gostava da Avó Redbird, tinha de ser boa pessoa, ou boa vampyra, ou coisa assim. Certo?

marçada

— Estou certa de que já é do teu conhecimento, os vampyros — Neferet parou de falar e sorriu-me — mesmo os vampyros iniciados, têm poderes de recuperação invulgares. A cura dela está tão adiantada que é perfeitamente seguro sair da enfermaria. — Olhou para a Avó e depois para mim.

— Zoey, queres conhecer a tua companheira de quarto?

Não. Engoli em seco e assenti. — Quero.

— Excelente! — Exclamou Neferet. Felizmente não ligou ao facto de eu estar ali de pé, estúpida, a sorrir como um anão de jardim.

— Tem a certeza de que não é melhor mantê-la aqui mais um dia para observação? — Perguntou a Avó.

— Compreendo a sua preocupação, mas garanto-lhe que as lesões físicas da Zoey já estão a sarar a um ritmo que só poderia achar extraordinário.

Sorriu para mim outra vez, e embora eu estivesse assustada e simplesmente aterrada, sorri também. Parecia que ela estava mesmo contente por eu lá estar. E, verdade seja dita, fazia-me achar que ser vampyra talvez não fosse assim tão mau.

— Avó, estou bem. A sério. Só me dói um bocadinho a cabeça, e o resto está bem melhor. — Apercebi-me de que dizia mesmo a verdade. Parara completamente de tossir. Já não me doíam os músculos. Sentia-me perfeitamente normal, tirando uma dorzinha de cabeça.

Depois Neferet fez uma coisa que não só me surpreendeu, como também me fez gostar dela de imediato — e começar a confiar nela. Foi ter com a Avó e falou lenta e cuidadosamente.

— Sylvia Redbird, faço-lhe um juramento solene em como a sua neta fica em segurança aqui. Cada iniciado é acompanhado por um mentor adulto. Em aval do meu juramento, serei eu a orientadora de Zoey. E agora tem de a deixar ao meu cuidado.

Neferet levou a mão fechada ao coração e fez uma vénia à Avó. Esta hesitou um momento, e depois respondeu-lhe.

— Espero que cumpras o teu juramento, Neferet, Sumo-Sacerdotisa de Nyx. — Depois imitou os gestos de Neferet, levou a sua

mão fechada ao coração e fez-lhe uma vénia. Em seguida virou-se para mim e abraçou-me.

— Liga-me se precisares de mim, Zoeybird. Adoro-te.

— Eu ligo, Avó. Também te adoro. E obrigada por me trazeres para cá — sussurrei, aspirando o aroma a alfazema que conhecia tão bem nela, e tentei não chorar.

Ela beijou-me na face e, no seu passo rápido e confiante, saiu da sala, deixando-me sozinha, pela primeira vez na vida, com uma vampyra.

— Então, Zoey, estás pronta para começar a tua nova vida?

Olhei-a e ocorreu-me outra vez como ela era espantosa. Se eu Mudasse mesmo para uma vampyra, teria a sua confiança e poder, ou seria coisa que só uma Sumo-Sacerdotisa tinha? Por instantes imaginei como seria fantástico ser Sumo-Sacerdotisa – e depois descí à Terra. Eu não passava de uma miúda. Uma miúda confusa, ainda por cima, não era nada talhada para ser Sumo-Sacerdotisa. Só quero saber como me hei-de integrar aqui, e Neferet tornou realmente o que me estava a acontecer mais suportável.

— Sim, estou pronta. — Ainda bem que parecia mais confiante do que me sentia.



SÉTIMO CAPÍTULO

Que horas são?

Descíamos um corredor estreito que fazia uma ligeira curva. As paredes eram de um estranho misto de pedra negra e tijolo saliente. De vez em quando, viam-se lamparinas tremeluzentes, colocadas em castiçais de ferro forjado com ar antigo, a saírem da parede, que emitiam uma luz suave e amarelada, felizmente tolerável para os meus olhos. Não havia janelas no corredor, e não encontrámos mais ninguém (embora eu estivesse sempre a espreitar, a imaginar o primeiro vislumbre de miúdos vampyros).

— São quase quatro da manhã, ou seja, as aulas já acabaram há quase uma hora — disse Neferet, e depois sorriu levemente, perante o que devia ser a minha expressão totalmente chocada.

— As aulas começam às oito da noite, e terminam às três da manhã — explicou ela.

— Os professores estão disponíveis até às três e meia, para ajudarem os alunos. O ginásio está aberto até de madrugada, cuja hora exacta saberás sempre, assim que concluíres a Mudança. Até então, está claramente afixada em todas as salas de aula, salas comuns e pontos de encontro, incluindo sala de jantar, biblioteca e ginásio. O Templo de Nyx está aberto a qualquer hora, claro, mas os ritos formais

realizam-se duas vezes por semana, logo depois das aulas. O próximo será amanhã. — Neferet olhou para mim, e o sorriso adoçou-se.

— Agora parece esmagador, mas depressa apanharás tudo, e a tua companheira de quarto ajudar-te-á, assim como eu.

Ia mesmo abrir a boca para fazer outra pergunta, quando uma bola de pêlo cor-de-laranja entrou no corredor a correr e, sem ruído algum, se atirou para os braços de Neferet. Dei um salto e fiz um barulho estúpido – depois senti-me completamente atrasadinha quando vi que a bola de pêlo cor-de-laranja não era nenhum papão voador ou coisa assim, era um gato enorme.

Neferet riu-se e coçou as orelhas da bola de pêlo.

— Zoey, este é o *Skylar*. Costuma rondar por aqui, à espera de se atirar a mim.

— Nunca vi um gato tão grande — disse eu, e estendi a mão para ele cheirar.

— Cuidado, que ele morde.

Antes que eu pudesse tirar a mão, *Skylar* começou a esfregar o focinho nos meus dedos. Sustive a respiração.

Neferet inclinou a cabeça para um lado, como se escutasse palavras ao vento.

— Ele gosta de ti, o que é muito invulgar. Não gosta de mais ninguém além de mim. Até afugenta os outros gatos desta parte do *campus*. É um rufia terrível — disse ela carinhosamente.

Cocei as orelhas de *Skylar* como vira Neferet fazer.

— Gosto de gatos — disse eu baixinho.

— Tive um, mas quando a minha mãe voltou a casar, tive de o dar a um gatil para adopção. John, o novo marido dela, não gosta de gatos.

— Descobri que aquilo que sentimos pelos gatos – e aquilo que eles sentem por nós – geralmente é uma excelente maneira de avaliar o carácter de alguém.

Olhei para os olhos verdes dela e vi que compreendia muito mais sobre questões familiares esquisitas do que dava a entender. Fez-me sentir uma ligação com ela, e o meu nível de stresse baixou automaticamente um pouco.

marçada

— Há muitos gatos aqui?

— Há gatos. Os gatos sempre foram aliados dos vampyros. Pois, na verdade eu já sabia disso. Em História do Mundo com o Professor Shaddox (mais conhecido por Puff Shaddy,³ mas não lhe digam nada), aprendemos que, no passado, matavam-se gatos porque se achava que eles transformavam as pessoas em vampyros. *Então, não, coisa ridícula. Mais provas da estupidez dos humanos...* Ocorreu-me esta ideia, que me chocou pela facilidade com que eu já começara a apelidar as pessoas «normais» de «humanos» e, por conseguinte, diferentes de mim.

— Acha que eu poderia ter um gato? — Perguntei.

— Se um te escolher, serás dele ou dela.

— Me escolher?

Neferet sorriu e fez festas a *Skylar*, que fechou os olhos e ronronou alto.

— São os gatos que nos escolhem, não somos nós quem manda neles. — Para ilustrar a verdade do que ela dissera, *Skylar* saltou-lhe dos braços e, de cauda bem levantada, desapareceu pelo corredor abaixo.

Neferet riu-se. — É um horror, mas adoro-o, e acho que sentiria a mesma coisa se não tivesse sido dom de Nyx.

— Dom? *Skylar* foi um dom da Deusa?

— Sim, de certo modo. Todas as Sumo-Sacerdotisas recebem uma afinidade – aquilo a que provavelmente chamarias poderes especiais – da Deusa. Faz parte da maneira como nos identificamos. As afinidades costumam ser aptidões cognitivas como, por exemplo, telepatia, clarividência ou capacidade de prever o futuro. Ou a afinidade pode ser algo no domínio físico, como uma ligação especial a um dos quatro elementos, ou ainda aos animais. Eu recebi dois dons da Deusa. A minha principal afinidade é com felinos; tenho uma ligação com eles que é invulgar, até mesmo para uma vampyra. Nyx também me deu o poder de curar. — Sorriu.

— Por isso é que sei que estás a sarar muito bem – foi o meu dom que me disse.

3 - Trocadilho com Puff Daddy, artista norte-americano. (N. da T.)

— Uau, espantoso — foi só o que me ocorreu dizer. Já tinha a cabeça à roda com os acontecimentos do dia anterior.

— Vou levar-te ao teu quarto. Deves estar cansada e com fome. O jantar será daqui a — Neferet inclinou a cabeça para um lado, como se alguém lhe estivesse a dar essa informação ao ouvido — uma hora. — Fez um sorriso sabedor. — Os vampyros sabem sempre que horas são.

— Isso também é muito giro.

— Isso, cara iniciada, é apenas a ponta do icebergue «giro». — Oxalá que a analogia dela nada tivesse a ver com catástrofes ao estilo *Titanic*. Continuámos a descer o corredor e pensei no tempo e coisas assim, e lembrei-me da pergunta que ia começar a fazer quando *Skylar* me interrompeu o raciocínio, coisa afinal tão fácil de fazer.

— Então, espere. Disse que as aulas começam às oito? Da noite? — Não costumo ser assim tão lenta, mas parte daquilo era como se ela falasse comigo noutra língua. Estava a ser difícil compreendê-la.

— Assim que tiveres um momento para reflectir, verás que ter aulas à noite tem toda a lógica. Claro que deves saber que os vampyros, adultos ou iniciados, não explodem, nem nada desses disparates ficcionais, quando expostos à luz do dia, mas é desconfortável para nós. Não te foi já difícil tolerares a luz do dia hoje?

Assenti. — Os meus *Maui Jims* nem ajudaram nada. — Depois acrescentei rapidamente, sentindo-me outra vez parvinha:

— Hum, *Maui Jims* são óculos de sol.

— Sim, Zoey — disse Neferet com toda a paciência.

— Sei o que são óculos de sol. Muito bem, na verdade.

— Oh, Deus, desculpe se... — calei-me, sem saber se faria mal dizer «Deus». Neferet, uma Sumo-Sacerdotisa que usava a Marca da Deusa com tanto orgulho, ficaria ofendida? Que raio, Nyx ficaria ofendida? Oh, Deus, tinha acabado de dizer «raio»? Era a minha imprecação preferida (enfim, era a única que usava regularmente). Ainda poderia dizê-la? O Povo da Fé pregava que os vampyros adoravam uma deusa falsa e que, na sua maioria, eram criaturas egoístas e tenebrosas que só ligavam a dinheiro e luxúria e beber sangue, e

marcada

que de certezinha que iam para o inferno, pelo que tal devia querer dizer que eu tinha de ter cuidado com...

— Zoey.

Ergui o olhar e dei com Neferet a observar-me, o semblante preocupado, e percebi que ela devia estar a chamar-me à terra enquanto eu tagarelava para comigo.

— Desculpe — repeti.

Neferet parou, pôs-me as mãos nos ombros e virou-me para que eu a encarasse.

— Zoey, deixa de pedir desculpas. E lembra-te, toda a gente aqui já passou pelo que tu estás a passar. Tudo isto já foi novidade para nós. Sabemos como é – o medo da Mudança – o choque que é para a tua vida transformares-te em algo estranho.

— E não poder controlar nada — acrescentei calmamente.

— Isso também. Nem sempre será assim tão mau. Quando se é uma vampyra madura, a vida parece nossa outra vez. Fazemos as nossas escolhas; seguimos o nosso caminho; seguimos aquilo que o coração e a alma e o talento nos ditam.

— *Se eu chegar a vampyra madura.*

— *Chegarás, Zoey.*

— *Como pode ter a certeza?*

Os olhos de Neferet encontraram a Marca escurecida que eu tinha na testa.

— Nyx escolheu-te. Por que motivo foi, desconhecemos, mas a Marca foi-te claramente imposta. Ela não te teria tocado só para te ver fracassar.

Recordei-me das palavras da Deusa, *Zoey Redbird, Filha da Noite, nomeio-te os meus olhos e os meus ouvidos no mundo de hoje, um mundo em que o bem e o mal se digladiam para achar um equilíbrio*, e fugi rapidamente do olhar perspicaz de Neferet, desejando desesperadamente saber por que razão o instinto ainda me dizia para ficar calada quanto ao encontro com a Deusa.

— *É – é muita coisa a acontecer num só dia.*

— *Deveras, especialmente de barriga vazia.*

Tínhamos recomeçado a andar, quando o toque do telemó-

vel me assustou. Neferet suspirou e sorriu em jeito de desculpa, e depois tirou um aparelhinho do bolso.

— Neferet — disse. Ficou à escuta algum tempo e vi-a enrugar a testa e semicerrar os olhos.

— Não, fez bem em ligar. Voltarei lá para saber dela.

Desligou.

— Desculpa, Zoey. Uma das iniciadas partiu uma perna hoje cedo. Parece que não consegue descansar, e tenho que voltar lá para ver se está tudo bem. Porque não segues este corredor pela esquerda até chegares à porta principal? Não tem nada que enganar — é larga e de madeira muito antiga. Tem um banco de pedra ao pé. Podes esperar lá por mim. Não me demoro.

— Sim, não faz mal.

Porém, antes de eu terminar a frase, já Neferet desaparecera pelo corredor acima. Suspirei. Não me agradava nada a ideia de ficar sozinha num sítio cheio de vampyros e miúdos vampyros. E agora sem Neferet, as luzinhas já não pareciam tão acolhedoras. Pareciam estranhas, projectavam sombras fantasmagóricas no corredor de pedra.

Determinada a não entrar em pânico, comecei a descer o corredor na direcção que já tomáramos. Não tardou a que quase desejasse encontrar alguém (mesmo que fossem vampyros). Estava tudo tão sossegado. E arrepiante. O corredor bifurcou duas vezes, mas Neferet dissera para seguir o lado esquerdo. Aliás, mantive o olhar à esquerda também, já que os outros corredores quase nem luzinhas tinham.

Infelizmente, na curva seguinte à direita, *não* desviei os olhos. Tive uma boa razão. Ouvi um barulho, mais especificamente, uma gargalhada. Uma gargalhada suave e ameninada que, por qualquer razão, me pôs os cabelos da nuca em pé. E também me fez parar de andar. Espreitei corredor abaixo e achei ter visto movimento nas sombras.

Zoey... sussurraram o meu nome de dentro das sombras.

Pestanejei, admirada. Teria mesmo ouvido chamar, ou estava a imaginar coisas? A voz era quase familiar. Poderia ser Nyx outra

vez? Estaria a Deusa a chamar-me? Quase com tanto medo quanto curiosidade, sustive a respiração e dei alguns passos para o corredor lateral.

Quando fiz a curva, vi algo que me fez parar automaticamente e chegar-me mais à parede. Numa pequena alcova ali perto estavam duas pessoas. A princípio não consegui assimilar o que via; depois, num instante, compreendi tudo.

Devia ter saído dali nesse momento. Devia ter recuado sem barulho e tentado não pensar no que vira. Mas não fiz nada disso. Era como se, de repente, tivesse pés de chumbo e não os conseguisse mexer. Só conseguia observar.

O homem – e foi mais um choque perceber que não era um homem, mas sim um adolescente – era pouco mais velho do que eu, um ano, se tanto. Estava de pé contra a pedra da alcova. Tinha a cabeça para trás e respirava com dificuldade. O rosto estava nas sombras, mas embora parcialmente visível, percebi que era bem-parecido. Depois outra gargalhada chamou-me a atenção mais para baixo.

Ela estava de joelhos em frente dele. Eu só lhe via o cabelo louro. Tinha tanto que parecia usá-lo como uma espécie de véu antigo. Depois as mãos subiram, percorreram as coxas dele.

Foge! Senti gritar dentro da minha cabeça. *Sai daqui!* Comecei a recuar um passo, mas a voz dele paralisou-me.

— Pára!

Arregalei os olhos, pois por fracções de segundo achei que era comigo que ele falava.

— Sabes bem que não queres que pare.

Quase me senti tonta de alívio quando ela falou. Era com ela que ele falava, não comigo. Nem sequer sabiam que eu estava ali.

— Quero, pois. — Parecia que as palavras lhe saíam entre dentes.

— Põe-te de pé.

— Tu gostas – sabes que gostas. Assim como sabes que ainda me queres.

A voz dela era rouca e tentava soar sensual, mas também detectei lamúria. Parecia quase desesperada. Vi os dedos dela mexe-

rem-se, e arregalei os olhos de espanto quando ela passou a unha do dedo indicador pela coxa dele. Incrível, a unha cortou as calças de ganga dele como se fosse uma faca, e apareceu uma risca de sangue fresco, destacando-se no seu carmim líquido.

Eu não queria, e metia-me nojo, mas ao ver o sangue fiquei com água na boca.

— Não! — Estalou ele, pondo as mãos nos ombros dela e tentando afastá-la.

— Oh, deixa-te de fingimentos — tornou a rir-se, um som malvado e sarcástico. — Sabes que ficaremos juntos para sempre. — Tirou a língua para fora e lambeu a risca de sangue.

Estremeci; contra vontade, estava completamente hipnotizada.

— Pára com isso! — Ele ainda lhe empurrava os ombros. — Não quero magoar-te, mas já comesças a irritar-me. Porque é que não compreendes? Não vamos fazer isto mais vez nenhuma. Não quero.

— Tu queres-me! Vais querer-me sempre! — E abriu-lhe o fecho das calças.

Eu não devia estar ali. Não devia assistir àquilo. Afastei os olhos da coxa ensanguentada dele e dei um passo atrás.

Ele ergueu os olhos, e viu-me.

E depois aconteceu uma coisa verdadeiramente bizarra. Consegui sentir o toque dele através dos nossos olhos. Não conseguia desfitá-lo. A rapariga à frente dele pareceu desaparecer, e no corredor só fiquei eu e ele e o cheiro doce e belíssimo do seu sangue.

— Não me queres? Não é isso que parece agora — disse ela, a ronronar malevolamente.

Senti a minha cabeça começar a abanar para trás e para a frente, para trás e para a frente. No mesmo momento ele gritou «Não!» e tentou afastá-la do caminho para poder chegar a mim.

Arranquei os meus olhos daquilo e tropecei para trás.

— Não! — Tornou ele a dizer. Desta vez, soube que falava para mim e não para ela. Ela também o deve ter percebido porque, com um grito que soou incomodativamente como o rosnar de um

animal selvagem, começou a rodar sobre si. O meu corpo libertou-se da paralisia. No mesmo instante virei-me e corri pelo corredor abaixo.

Esperava que viessem atrás de mim, pelo que continuei a correr até chegar às portas grandes e antigas que Neferet descrevera. Depois fiquei ali, encostada à madeira velha, a tentar recobrar o fôlego para poder ouvir barulho de pés.

Que faria se me perseguissem? Doía-me a cabeça outra vez, e sentia-me fraca e completamente aterrada. E totalmente, completamente enojada.

Sim, eu sabia sobre toda a questão do sexo oral. Duvido que haja algum adolescente vivo na América hoje a não saber que o público adulto acha que fazemos sexo oral a rapazes como quem dá pastilhas (ou talvez seja mais apropriado dizer caramelos). *Okay*, são tudo tretas, e sempre me irritaram. Claro que há raparigas que acham «giro» fazer sexo oral. Pois estão muito enganadas. Aquelas de nós com miolos sabem que não é nada giro ser usada dessa maneira.

Pois bem, eu *sabia* da questão do sexo oral. Nunca vira ninguém a fazê-lo. Por conseguinte, aquilo que acabara de ver deixara-me passada. Mas o que mais me abalara, mais do que ver a loura naquilo, foi a maneira como reagi ao ver o sangue dele.

Quisera lambê-lo também.

E isso não pode ser normal.

Depois há toda a questão de termos trocado aquele olhar tão estranho. Que fora aquilo?

— Zoey, estás bem?

— Que raio? — Berrei de susto. Neferet estava atrás de mim, com um ar de confusão completa.

— Não te sentes bem?

— Eu... eu... — A cabeça andava à roda. Não lhe podia contar o que acabara de ver.

— Dói-me mesmo muito a cabeça — consegui finalmente dizer. E era verdade. Tinha uma dor de cabeça de morte.

Ela franziu o sobrolho com a preocupação.

— Eu ajudo-te. — Neferet pôs a mão ao de leve por cima

da fila de pontos que eu tinha na testa. Fechou os olhos e ouvi-a sussurrar qualquer coisa numa língua que não compreendi. Depois a mão começou a aquecer, e foi como se o calor se tornasse líquido e a minha pele o absorvesse. Fechei os olhos e suspirei de alívio quando a dor começou a desvanecer-se.

— Melhor?

— Sim — murmurei.

Ela tirou a mão e eu abri os olhos.

— Isto deve afugentar a dor. Não sei por que razão voltou, de repente e com tanta intensidade.

— Nem eu, mas agora já não dói — disse eu rapidamente.

Ela observou-me em silêncio algum tempo, e sustive a respiração. Depois perguntou:

— Há qualquer coisa a incomodar-te?

Engoli em seco. — Estou algo assustada por ir conhecer a minha companheira de quarto. — Tecnicamente, não era mentira nenhuma. Não era isso que me incomodava, mas não deixava de me assustar.

O sorriso de Neferet era bondoso.

— Vai correr tudo bem, Zoey. Agora deixa que te apresente a tua nova vida.

...

Neferet abriu a pesada porta de madeira e entrámos num pátio amplo defronte da escola. Ela saiu da frente e deixou-me olhar, embasbacada. Adolescentes de farda que, não sei como, pareciam giras e únicas embora ainda semelhantes, andavam em grupinhos pelo pátio e passeio. Ouvia-se o som enganosamente normal das suas vozes, quando se riam e conversavam. Eu só olhava para elas e para a escola, sem saber bem o que absorver primeiro. Escolhi a escola. Era a menos intimidante das duas (e tinha medo de *o* ver). O sítio parecia saído de um sonho arrepiante. Estávamos a meio da noite, e devia estar escuro como breu, mas havia uma Lua esplendorosa a brilhar por cima dos enormes e vetustos carvalhos que davam sombra a tudo. Candeeiros

verticais dentro de estruturas de cobre manchado pontuavam o passeio que corria paralelo ao enorme edifício de pedra negra e tijoleira. Tinha três andares e um telhado estranhamente alto que apontava para cima e depois era achatado no cimo. Via-se que tinham aberto cortinados pesados e que as luzes amarelas suaves faziam as sombras dançarem para cima e para baixo nas salas, dando a toda a estrutura um ar vivo e acolhedor. Havia uma torre redonda na parte da frente do edifício principal, sublinhando a ilusão de aquilo ser mais um castelo do que uma escola. Juro que um fosso teria parecido menos deslocado do que um passeio enfeitado com azáleas densas e um relvado bem aparado.

Do outro lado do edifício principal ficava um mais pequeno, que tinha ar de igreja e parecia mais antigo. Atrás dele e dos velhos carvalhos que davam sombra ao pátio, via-se a sombra do enorme muro que rodeava a escola inteira. Em frente ao edifício da igreja havia uma estátua de mármore, uma mulher com vestes longas e esvoaçantes.

— Nyx! — Exclamei.

Neferet ergueu o sobrolho, admirada.

— Sim, Zoey. É uma estátua da Deusa, e o edifício por trás é o seu templo. — Fez-me sinal para que a acompanhasse pelo passeio, e indicou com gestos largos o *campus* impressionante que se estendia diante de nós.

— Aquilo que hoje se conhece como Casa da Noite foi edificado ao estilo neo-francês-normando, com pedras importadas da Europa. Em meados dos anos vinte do séc. XX era um mosteiro para os monges Agostinhos do Povo da Fé. Por fim foi convertido em Cascia Hall, uma escola preparatória particular para adolescentes humanos abastados. Quando decidimos que tínhamos de abrir uma escola nossa nesta parte do país, comprámos Cascia Hall, há cinco anos.

Eu recordava muito vagamente os tempos em que aquilo fora uma escola particular toda selecta – aliás, a única razão que me levava a pensar nisso era ter ouvido notícias de um bando de miúdos, que andava em Cascia Hall, ter sido preso por posse de droga, e como os

adultos tinham ficado chocados. Haja paciência. Mais ninguém ficara chocado pelo facto de aqueles miúdos ricos andarem na droga a valer.

— Admira-me que a tenham vendido a vocês — disse eu, absorta.

Ela riu-se baixinho, e soou algo perigosa.

— Não queriam, mas fizemos uma proposta tal ao arrogante do reitor que ele não pôde recusar.

Quis perguntar o que queria dizer aquilo, mas o riso dela causou-me arrepios. Além disso, estava ocupada. Não conseguia parar de olhar. Pois, a primeira coisa em que eu reparara era que toda a gente que tinha uma tatuagem vampírica sólida era incredivelmente bonita. Quer dizer, era de loucos. Sim, eu sabia que os vampyros tendem a ser atraentes. Toda a gente sabe isso. Os actores e as actrizes mais bem-sucedidos do mundo eram vampyros. Também havia bailarinos e músicos, autores e cantores. Os vampyros dominavam as artes, uma das razões para terem tanto dinheiro – e também uma razão (entre muitas) para o Povo da Fé os considerar egoístas e imorais. *Mas a sério, só têm inveja de não serem tão bonitos.* O Povo da Fé ia ver os filmes, as peças de teatro, os concertos deles, comprava os livros e as suas obras de arte, mas em simultâneo falava mal deles e desprezava-os, e Deus sabe que nunca, jamais, em tempo algum, se misturaria com eles. Acordem! – Há lá gente mais hipócrita?

Seja como for, estar rodeada de tanta gente linda de morrer deu-me vontade de me esconder debaixo de um banco, embora muitos deles cumprimentassem Neferet e depois sorrissem e me dissessem olá também. Eu ia retribuindo as saudações e deitando olhadelas aos miúdos que passavam por nós. Cada um deles fazia um aceno de cabeça respeitoso a Neferet. Vários deles fizeram vénias e cruzaram as mãos fechadas no peito, o que fazia Neferet sorrir e curvar a cabeça ligeiramente em resposta. Pronto, os miúdos não eram tão lindos quanto os graúdos. Sim, eram giros – interessantes, até, com os desenhos de meias-luas, e as fardas que mais pareciam roupa de passarela do que de escola – mas faltava-lhes a luz brilhante, atractiva e tão pouco humana que irradiava de cada um dos vampyros adultos. Hum, reparei que, e tal como desconfiara, as fardas eram muito à

marçada

base de preto (dir-se-ia que um grupo de gente tão dentro das artes reconheceria um cliché a andar por ali armado em gótico chato. É só a minha opinião...). Porém, se tivesse de ser sincera, diria que lhes ficava bem – o preto misturado com axadrezados cor de púrpura, azul-escuro, verde-esmeralda. Cada farda tinha um motivo bordado a ouro ou prata no bolso do casaco ou da blusa. Via-se que alguns eram iguais, mas não o que eram ao certo. Além disso, havia uma quantidade estranhamente grande de miúdos com cabelo comprido. A sério, as raparigas tinham cabelo comprido, os rapazes tinham cabelo comprido, os professores tinham cabelo comprido, até os gatos que vadiavam pelo passeio de vez em quando eram bolas de pêlo comprido. Estranho. Ainda bem que me convencera a não cortar o cabelo curto, ao estilo rabo de pato, como a Kayla fizera na semana passada.

Reparei ainda que adultos e miúdos tinham outra coisa em comum – todos olhavam cheios de curiosidade para a minha Marca. Que bom. Começava a minha vida nova como uma anomalia, o que era de esperar, tanto quanto enjoava.



OITAVO CAPÍTULO

A parte da Casa da Noite onde ficavam os dormitórios era do outro lado do *campus*, pelo que nos fartámos de andar. Neferet caminhava propositadamente devagar, o que me dava tempo para fazer perguntas e olhar embasbacada para as coisas. Não que me importasse. O passeio ao longo do aglomerado de edifícios ao estilo de um castelo, com Neferet a indicar pormenores sobre isto e aquilo, ajudou a situar-me. Era estranho, mas pela positiva. Além disso, andar era uma coisa normal. Aliás, por mais bizarro que pareça, sentia-me outra vez eu mesma. Já não tossia. Já não tinha o corpo dorido. Até deixara de me doer a cabeça. Não pensava mesmo nada, em absoluto, na cena perturbadora a que assistira por acaso. Esquecia-a – de propósito. Era só o que me faltava, ter de lidar com mais coisas além de uma vida nova e uma Marca estranha. Portanto, sexo oral – esquecido.

Imersa numa profunda negação, disse para comigo que, se não estivesse a andar no *campus* de uma escola, a desoras, ao lado de uma vampyra, quase que poderia fingir ser a mesma pessoa que era ontem. Quase.

Pois, *okay*. Talvez nem sequer *quase*, mas sentia-me melhor da cabeça, e estava quase pronta para conhecer a minha companhei-

ra de quarto, quando Neferet abriu finalmente a porta do dormitório feminino.

Tinha lá dentro uma surpresa. Não sei bem o que esperava daquilo – talvez que tudo fosse preto e lúgubre. Porém, era agradável, decorado em tons de azul-suave e amarelo-torrado, com sofás confortáveis e pilhas de almofadas tão grandes, que as pessoas se podiam sentar por aquele espaço fora, como se fossem *M&M* gigantes em cores pastel. Parecia o castelo de uma princesa, banhado pela luz suave dos vários lustres antigos. Nas paredes cor de creme havia grandes quadros a óleo, todos de mulheres da antiguidade com ar exótico e poderoso. Flores acabadas de apanhar, na sua maioria rosas, em jarras de cristal nas mesinhas de canto, já de si cheias de livros e carteiras e coisas normais de adolescente. Vi várias televisões de ecrã plano, e reconheci o ruído do programa *Real World* da MTV que saía de uma delas. Assimilei tudo depressa, a tentar sorrir e ter um ar amigável para as raparigas que se tinham calado no momento em que eu entrara na sala, e que agora olhavam para mim. Engano meu. Não estavam a olhar para *mim*, estavam a olhar para a Marca na minha testa.

— Minhas senhoras, apresento-vos Zoey Redbird. Cumprimentem-na e dêem-lhe as boas vindas à Casa da Noite.

Por segundos achei que ninguém ia dizer nada, e quis morrer de vergonha típica de miúda nova. Depois uma rapariga levantou-se no meio de um grupo agarrado a uma das televisões. Era lou-ra, pequenina e praticamente perfeita. Aliás, fazia-me lembrar uma Sarah Jessica Parker mais nova (de quem não gosto, a propósito – é sempre tão... tão... chatinha e vivaça falsa).

— Olá, Zoey. Bem-vinda à tua nova casa. — O sorriso da sócia da SJP era caloroso e genuíno, e ela fazia claramente um esforço para me olhar nos olhos, em vez de fixar a Marca já escurecida. Senti-me imediatamente mal por tê-la comparado com alguém de quem não gosto.

— Chamo-me Afrodite — disse ela.

Afrodite? Pronto, se calhar *não* me precipitei na comparação. Como é que alguém normal se chama Afrodite? Por favor! Ilu-

sões de grandeza, realmente. Pespeguei um sorriso na cara e disse, toda animada:

— Olá, Afrodite!

— Neferet, quer que eu leve a Zoey a ver o quarto dela?

Neferet hesitou, o que foi muito estranho. Em vez de responder logo, ficou ali a fitar Afrodite. Depois, tão depressa quanto começara o duelo de olhares, o rosto de Neferet desanuviou-se num sorriso.

— Obrigada, Afrodite, seria muito bom. Sou a orientadora da Zoey, mas creio que ela se sentirá mais à vontade se for alguém da idade dela a mostrar-lhe o quarto.

Seria raiva o que eu vi dardejar pelos olhos de Afrodite? Não, devia estar a imaginar coisas – ou, pelo menos, acreditaria que tinha imaginado, se aquela sensação estranha de instinto não me tivesse avisado em contrário. E não precisava que fosse a minha nova intuição a dizer-me que havia algo errado, porque Afrodite se riu – *e eu reconheci o riso.*

Foi como se me dessem um soco no estômago, perceber que aquela rapariga – Afrodite – era a que estava com o tal tipo no corredor!

O riso de Afrodite, seguido da afirmação atrevida, «Claro que não me importo de lhe fazer a visita guiada! Sabes que fico sempre contente por ajudar, Neferet», era tão falso quanto as mamas enormes astronómicas da Pamela Anderson, mas Neferet fez um aceno de cabeça e depois virou-se para mim.

— Agora deixo-te, Zoey — disse ela, apertando-me o ombro.

— A Afrodite leva-te ao teu quarto, e a tua nova companheira de quarto poderá ajudar-te a arranjares-te para o jantar. Encontramo-nos na sala de jantar.

Fez o seu sorriso maternal, e eu tive uma vontade ridícula de a abraçar e de rogar que não me deixasse sozinha com Afrodite.

— Ficas bem — disse ela, como se me lesse o pensamento.

— Verás, Zoeybird. Vai correr tudo bem — sussurrou, e pa-

recia tanto a minha avó que tive de fazer força para não chorar. Depois acenou com a cabeça para se despedir de Afrodite e das outras, e saiu do dormitório.

A porta fechou-se com um som abafado. Oh, que raio... só me apetecia ir para casa!

— Vamos, Zoey. Os quartos são por aqui — disse Afrodite. Fez-me sinal para a acompanhar pela ampla escadaria que fazia uma curva para a direita. Subimos e tentei ignorar o burburinho que irrompera logo nas nossas costas.

Não falámos, e eu sentia-me tão constrangida que só me apetecia gritar. Será que ela me vira no corredor? Bem, eu é que não ia falar nisso. De certeza. Jamais. No que me dizia respeito, nem acontecera.

Pigarreei e disse:

— O dormitório parece bom. Quer dizer, é bem bonito.

Ela olhou-me de soslaio:

— É melhor que bom ou bem bonito; é espantoso.

— Ah, ainda bem. É bom saber.

Ela riu-se. Era um barulho completamente desagradável – quase um resfolegar – e fez-me arrepios na nuca como da primeira vez que o ouvira.

— É espantoso maioritariamente por minha causa.

Olhei para ela, a pensar que só podia estar a brincar, e fitei aqueles olhos azuis frios.

— Pois, não ouviste mal. Este sítio tem estilo porque eu tenho estilo.

Valha-me Deus. Mas que coisa mais estranha de se dizer. Não fazia ideia de como reagir a tal presunção. Quer dizer, era só o que me faltava, o stresse de brigar com a galdéria Menina Convencida, além de uma mudança de vida/espécie/escola? E ainda não conseguia dizer se ela saberia, ou não, que era eu no corredor.

Muito bem. Só queria arranjar maneira de me integrar. Queria poder chamar àquela nova escola a minha casa. Por conseguinte, decidi seguir o caminho mais seguro e calar a boca.

Não dissemos mais nada. As escadas subiam até um corredor amplo com portas dos dois lados. Sustive a respiração quando

Afrodite parou diante de uma pintada de anil, mas em vez de bater, virou-se para me encarar. O rosto perfeito tinha uma expressão odiosa e fria e nada bonita.

— Muito bem, então é assim, Zoey. Tens essa Marca estranha, e toda a gente anda a falar de ti e a querer saber o que se passa. — Revirou os olhos e levou as mãos ao colar de pérolas, com ar dramático, e mudou de voz para ficar mesmo parvinha e nojenta.

— Ui, ui! A miúda nova tem uma Marca colorida! O que será que quer dizer? Será especial? Terá poderes fabulosos? Ai, ai! — Tirou a mão do pescoço e semicerrrou os olhos para mim. A voz era tão neutra e má quanto o olhar.

— Então é assim. Eu é que mando aqui. As coisas andam à minha maneira. Se quiseres dar-te bem, será melhor não te esqueceres. Se não quiseres, faço-te a vida num inferno.

Já me estava mesmo a chatear.

— Ouve — disse eu — acabei de chegar. Não quero sarilhos, nem controlo o que se diz da minha Marca.

Ela semicerrrou os olhos. Mas que treta. Teria de andar à briga com aquela? Nunca me metera em brigas na vida! Senti um nó no estômago e preparei-me para me baixar ou fugir ou o que tivesse de fazer para não apanhar pancada.

Nisto, tão depressa quanto ficara assustadora e odiosa, a cara dela descontraíu-se num sorriso e ela voltou a ser a lourinha doce (não era que me enganasse).

— Ótimo. Desde que estejamos entendidas.

Hã? Eu entendia que ela tinha que se tratar, e não entendia mais nada.

Afrodite não me deu tempo de dizer nada. Com um último sorriso estranhamente caloroso, bateu à porta.

— Entre! — Disse uma voz espevitada com sotaque do Oklahoma. Afrodite abriu a porta.

— Viva! Credo, entrem, entrem. — Com um enorme sorriso, a minha nova companheira de quarto, também loura, ergueu-se como um pequeno tornado rústico. Porém, assim que viu Afrodite, o sorriso desvaneceu-se e deixou de avançar para nós.

— Trouxe-te a tua nova companheira de quarto. — Não havia nada de errado nas palavras de Afrodite, mas dissera-as num tom odioso e estava a fazer um péssimo sotaque do Oklahoma.

— Stevie Rae Johnson, Zoey Redbird. Pronto, não estamos todas bem chegadas como grãos de milho?

Olhei para Stevie Rae. Parecia um coelhito aterrorizado.

— Obrigada por me trazeres aqui, Afrodite. — Falei depressa, avançando para Afrodite, a qual recuou automaticamente, e voltou assim ao corredor.

— Vemo-nos por aí. — Fechei a porta na cara dela, quando o ar admirado estava mesmo a passar a raivoso. Depois virei-me para Stevie Rae, ainda pálida.

— Mas qual é a dela? — Perguntei.

— Ela é... ela é...

Embora eu não a conhecesse de lado nenhum, percebi que Stevie Rae não sabia quanto devia ou não devia dizer, pelo que decidi ajudá-la. Quer dizer, íamos ser companheiras de quarto.

— É uma cabra! — Disse eu. — Stevie Rae revirou os olhos e depois riu-se.

— Ela não é nada simpática, isso de certeza.

— Ela que se vá tratar, *isso sim* — acrescentei, e ela riu-se outra vez.

— Acho que nos vamos dar muito bem, Zoey Redbird — disse ela, ainda a sorrir.

— Bem-vinda à tua nova casa! — Afastou-se e fez um gesto abrangente com o braço, a mostrar o quartinho, como se me mandasse entrar para um palácio.

Olhei à minha volta e pisquei os olhos. Várias vezes. A primeira coisa que vi foi um poster à escala de Kenny Chesney,⁴ pendurado por cima de uma das camas e o chapéu de vaqueiro (vaqueira?) em cima de uma das mesas-de-cabeceira – a mesma que tinha um candeeiro a gás com ar antiquado, a base em forma de bota de vaqueiro. Ai, Stevie Rae era completamente do Oklahoma, senhores!

Depois chocou-me com um enorme abraço, o que me fez

4 - Cantor de música *country*. (N. da T.)

marçada

lembrar um cachorrinho, por causa do cabelo curto e encaracolado e da cara redonda e sorridente dela.

— Zoey, ainda bem que te sentes melhor! Fiquei tão ralada quando soube que te tinhas magoado. Estou mesmo contente por estares finalmente aqui.

— Obrigada — disse eu, ainda a olhar à minha volta, para aquilo que era agora o meu quarto, sentindo-me completamente esmagada e, estranhamente, outra vez com vontade de chorar.

— É um bocadinho assustador, não é? — Stevie Rae observava-me com aqueles olhos azuis grandes e sérios, cheios de lágrimas de empatia. Assenti apenas, pois não confiava na minha voz.

— Eu sei que é. Chorei toda a noite quando cá cheguei.

Engoli as minhas lágrimas e perguntei:

— Há quanto tempo cá estás?

— Três meses. E, caraças, fiquei mesmo contente quando me disseram que ia ter uma companheira de quarto!

— Sabias que eu vinha?

Ela assentiu vigorosamente.

— Sabia, pois! A Neferet contou-me antes de ontem que o Caça te tinha detectado e que te ia Marcar. Achei que chegarias ontem, mas depois ouvi dizer que tinhas tido um acidente e sido levada para a clínica. O que aconteceu?

Encolhi os ombros e respondi:

— Andava à procura da minha avó, caí e bati com a cabeça.

— Não tinha outra vez aquela sensação estranha a dizer-me que não falasse de mais, mas não sabia bem quanto devia contar a Stevie Rae, e fiquei aliviada quando ela assentiu, como se compreendesse, e não fez mais perguntas sobre o acidente – nem sobre a estranha cor da minha Marca.

— Os teus pais passaram-se quando foste Marcada?

— Completamente. Os teus não?

— Na verdade, a minha mãezinha não se importou. Disse que qualquer coisa que me tirasse de Henrietta era uma coisa boa.

— Henrietta, Oklahoma? — Perguntei, aliviada por mudar de assunto e deixar de falar de mim.

— Infelizmente, sim.

Stevie Rae deixou-se cair na cama em frente ao poster do Kenny Chesney e fez-me sinal que me sentasse na outra, do outro lado do quarto. Sentei-me, e fiquei admirada quando percebi que estava sentada em cima do meu edredão Ralph Lauren cor-de-rosa e verde. Olhei para a mesinha de carvalho e pisquei os olhos. Lá estava o meu despertador feio e chatinho, os óculos de marrona para quando me fartava das lentes, e uma fotografia comigo e a Avó, tirada no Verão passado. Na estante por detrás do computador do meu lado do quarto, vi os meus livros das séries *Gossip Girls* e *Bubbles* (e mais alguns favoritos, dentre os quais o *Drácula* de Bram Stoker – mais do que irónico, realmente), alguns CD, o meu portátil e – *oh valham-me os santinhos todos* – os bonequinhos do filme *Monstros e Companhia*. Mas que vergonha incrível. A mochila estava no chão ao lado da minha cama.

— Foi a tua avó quem trouxe as coisas. É mesmo simpática — disse Stevie Rae.

— É mais do que simpática. É corajosa como tudo por ter enfrentado a minha mãe, e o estúpido do marido dela, só para trazer as minhas coisas. Bem posso imaginar a cena de drama, horror e tragédia que a minha mãe fez. — Suspirei e depois abanei a cabeça.

— Pois é, acho que tive mesmo sorte. Pelo menos a minha mãezinha não se passou com isto — Stevie Rae apontou para o esboço da meia-lua que tinha na testa.

— Mesmo que o meu pai se tenha passado completamente, sendo eu a única menina e tal. — Encolheu os ombros e depois riu-se.

— Os meus três irmãos acharam o máximo e queriam saber se os podia ajudar a engatar vampyras. — Revirou os olhos. — Os rapazes são mesmo estúpidos.

— Os rapazes são mesmo estúpidos — repeti, e sorri para ela. Se ela achava que os rapazes eram estúpidos, íamos mesmo dar-nos bem.

— Agora não me importa nada disto. Quer dizer, as aulas são estranhas mas não desgosto – especialmente a de Tae Kwon Do. Acho que gosto de dar pancada. — Sorriu maliciosamente, como uma pequena elfo loura.

marçada

— Gosto das fardas, coisa que me chocou completamente ao princípio. Quer dizer, mas quem é que *gosta* de fardas da escola? Só que podemos acrescentar coisas e torná-las únicas, pelo que deixam de parecer fardas típicas, presunçosas e uma grande seca. E há tipos mesmo giros por aqui – embora os rapazes sejam estúpidos. — Os olhos brilhavam-lhe.

— Estou tão contente por ter saído de Henrietta que não me importa mais nada, embora Tulsa me meta medo por ser tão grande.

— Tulsa não mete medo — disse eu, acto contínuo. Ao invés de muitos, demasiados, miúdos do nosso subúrbio em Broken Arrow, eu até sabia deslocar-me em Tulsa, graças àquilo a que a Avó chamava «excursões» com ela.

— Basta saber onde ir. Há uma loja de missangas óptima, onde podemos fazer a nossa bijutaria, na baixa, em Brady Street, e ao lado temos a Lola's at the Bowery – tem as melhores sobremesas da cidade. Cherry Street também é gira. Não estamos longe. Aliás, estamos mesmo ao lado do Museu Philbrook e do centro Utica Square. Tem lojas excelentes e...

Apercebi-me de repente do que estava a dizer. Os miúdos vampyros conviviam com miúdos normais? Tentei lembrar-me do que sabia. Não. Nunca vira miúdos com esboços de meias-luas na testa ao pé do Philbrook, nem na *Gap*, na *Banana Republic* ou no *Starbucks* do centro. Nunca os vira no cinema. Que raio, nunca vira *nenhum* miúdo vampyro até hoje. Por conseguinte, ficaríamos ali fechados durante quatro anos? Senti-me algo sufocada e claustrofóbica, e perguntei:

— Alguma vez saímos daqui?

— Saímos, mas há toda a espécie de regulamentos.

— Regulamentos? Por exemplo?

— Bem, não se pode usar nada da farda da escola — interrompeu-se de repente.

— Caraças! Agora me lembro. Temos de nos despachar. O jantar é daqui a minutos e tu tens de mudar de roupa. — Pôs-se de pé e começou a remexer no roupeiro do meu lado do quarto, a tagarelar por cima do ombro o tempo todo.

— A Neferet mandou entregar aqui alguma roupa ontem à noite. Não te rales se os tamanhos não parecerem certos. Eles sabem sempre, de algum modo, os nossos tamanhos, ainda antes de nos verem – é mesmo anormal a maneira como os vampes adultos sabem mais do que deviam. Seja como for, não te assustes. Eu falava a sério quando disse que as fardas não são tão horrorosas como se possa pensar. Podes mesmo pôr os acessórios que entenderes, como eu faço.

Olhei para ela. Quer dizer, olhei mesmo para ela. Vestia calças de ganga daquelas que os alunos de Agronomia usam, muito justas e sem bolsos atrás. Como é que alguém achou que calças muito justas sem bolsos atrás poderia ser giro, é coisa que nunca compreenderei. Stevie Rae era completamente esquelética, e as calças até a ela faziam o rabo grande. Soube, ainda antes de lhe ver os pés, o que ela teria calçado – botas de vaqueiro. Olhei para baixo e suspirei. Pois. Botas de vaqueiro, de couro amarelo, salto raso, biqueira. Metida para dentro das calças rústicas tinha uma blusa de algodão de mangas compridas, com ar de coisa cara comprada no *Saks* ou *Neiman Marcus*, ao invés das camisas transparentes e mais baratas que a careira da *Abercrombie* tenta fazer-nos crer que não são de galdérias. Quando ela olhou para mim, vi que tinha as orelhas furadas, e argolinhas de prata. Virou-se e numa mão tinha uma blusa preta como a dela, e na outra uma camisola; decidi que, embora o estilo *country* rústico não fosse para mim, ela até estava gira com aquela mistura provinciana chique.

— Aqui tens! Com isto e as tuas calças de ganga, ficas pronta.

A luz tremeluzente do candeeiro bota de vaqueiro incidiu numa mancha bordada a prata no peito da camisola que ela me estendia. Levantei-me, peguei nas duas coisas, e ergui a camisola para lhe poder ver melhor a parte da frente. O bordado a prata era em forma de uma espiral que brilhava às voltinhas até terminar em cima do meu coração.

— É a nossa insígnia — disse Stevie Rae.

— Insígnia?

marçada

— Pois, cada ano – aqui chamam-nos terceiranistas, quatránistas, quintanistas e sextanistas – tem a sua própria insígnia. Nós somos terceiranistas, pelo que a nossa é o labirinto de prata da Deusa Nyx.

— O que quer dizer? — Perguntei, mais para mim mesmo do que para ela, e toquei nos círculos de prata.

— Representa o nosso novo começo, quando começamos o percurso no Caminho da Noite e aprendemos os costumes da Deusa e as possibilidades da nossa nova vida.

Olhei para ela, admirada por parecer de repente tão séria. Ela fez um sorrisinho tímido e encolheu os ombros.

— É uma das primeiras coisas que se aprende em Introdução à Sociologia dos Vampyros. É a cadeira que a Neferet dá, e realmente bate aos pontos as cadeiras de seca que eu tinha na Secundária de Henrietta, o lar das galinhas aguerridas. Argh. Galinhas aguerridas! Mas que raio de mascote! — Abanou a cabeça e revirou os olhos, e eu ri-me.

— Seja como for, ouvi dizer que a Neferet é tua orientadora, o que é uma sorte. Ela quase nunca fica com miúdos novos, e além de ser Sumo-Sacerdotisa, é a prof com mais estilo.

O que ela não disse é que eu, além de ter sorte, era «especial», com a Marca colorida. Ora isto lembrava-me...

— Stevie Rae, porque não me perguntaste nada da minha Marca? Quer dizer, agradeço não me bombardeares com centenas de perguntas, mas a caminho daqui toda a gente olhou para a Marca. A Afrodite falou nisso quase assim que ficámos sozinhas. Nem sequer olhaste bem para ela. Porquê?

Depois ela finalmente olhou para a minha testa, antes de encolher os ombros e me fitar outra vez.

— És minha companheira de quarto. Achei que me contarías o que se passa quando estivesses preparada. Uma coisa que se aprende quando se cresce numa terriola como Henrietta, é que é melhor metermo-nos na nossa vida, se queremos manter os amigos... — Calou-se e, naquele espaço de tempo antes de continuar, ficou a grande e feia verdade, não dita, que só seríamos companheiras de

quarto durante quatro anos se ambas sobrevivêssemos à Mudança. Stevie Rae engoliu em seco e terminou de rajada:

— Acho que o que estou a tentar dizer é que quero ser tua amiga.

Sorri para ela. Parecia tão nova e cheia de esperança – tão simpática e normal e nada como eu imaginava que seria uma vampyra. Senti alguma esperança também. Talvez eu arranjasse maneira de me integrar ali.

— Também quero que sejas minha amiga.

— Viva! — Juro que ela parecia um cachorrinho ladino outra vez.

— Mas vamos, despacha-te! Não queremos chegar atrasadas.

Empurrou-me para uma porta que ficava entre os dois roupeiros, foi pôr-se ao espelho de maquilhagem que tinha na secretária do computador, e começou a pentear o cabelo curto. Entrei e dei com uma casinha de banho, tirei rapidamente a t-shirt dos BA Tigers, vesti a blusa de algodão, e por cima dela a camisola de seda que era num tom de púrpura-escuro, com um padrão xadrez preto miudinho. Estava quase pronta a voltar ao quarto para ir buscar a mochila, a ver se conseguia compor a cara e o cabelo com pinturas e coisas que levava, quando me vi ao espelho por cima do lavatório. Ainda estava branca, mas já perdera a palidez doentia e assustadora que tinha antes. O cabelo parecia louco, despenteado e desgrenhado, e ainda se via a linha fina de pontos escuros mesmo acima da têmpora esquerda. Porém, foi a Marca cor de safira que me chamou a atenção. Estava a olhar para ela, absorta naquela beleza exótica, quando a luz da casa de banho incidiu no labirinto de prata bordado por cima do meu coração. Decidi que os dois símbolos combinavam, de algum modo, embora fossem de formatos diferentes... cores diferentes...

E eu, será que combinava com eles? E combinaria com aquele estranho mundo novo?

Fechei os olhos com força, na esperança desesperada de que, fosse o que fosse que tivêssemos para o jantar (oh, por favor, que não meta beber sangue), não me caísse mal num estômago já nervoso e alterado.

marçada

— Oh, não... — sussurrei só para mim — vinha mesmo a calhar ter um ataque de diarreia.